

Por que os homens vão à guerra

Historiador da UFRGS analisa os motivos que levam seres humanos a matar ou morrer

Guerra significa dor, morte e destruição, e vem sempre acompanhada por abusos, injustiças e massacres. Mesmo assim, tem seu charme: os símbolos da guerra estão por todos os lados, nos filmes, nos *videogames* e até na moda. E, embora aparentemente todos sejam contra a matança de seus semelhantes, chega a surpreender o ardor cívico com que alguns povos mandam seus filhos para a luta. **Página central**



Soldados alemães na Rússia, 1941

REPRODUÇÃO/NATIONAL ARCHIVES AND RECORDS ADMINISTRATION

FLÁVIO DUTRA



A volta dos esportes à Universidade

Depois de muito tempo ausente dos jogos universitários, a UFRGS volta a estimular e a participar das competições esportivas. Em maio deste ano, nossa universidade foi a instituição pública que se destacou em maior número de modalidades inscritas nos 27^{os} Jogos Universitários Gaúchos (JUGs), subindo ao pódio com o basquete, o judô e a natação. Desde 2005, a partir da iniciativa do professor da Escola de Educação Física, Jorge Barreto, a atual administração vem apoiando iniciativas de revitalização dos

esportes na comunidade acadêmica. A realização de jogos, de caráter competitivo ou participativo, é uma forma de cultivar amizades, incrementar cuidados com a saúde e estimular a formação de atitudes e responsabilidades entre os alunos. Nesse sentido, já é conhecido o "Dia do Basquete", que ocorre uma vez por semestre no Campus Olímpico. Por tudo isso, já se começou a planejar os próximos Jogos da UFRGS, que serão realizados até o final do ano. **Página 7**

UFRGS terá 4 mil alunos em cursos a distância

Atualidade Para Julio Alberto Nitzke, secretário de Educação a Distância da Universidade, apesar do investimento nos cursos a distância não ser uma tarefa fácil nem barata, a UFRGS está apostando nesta modalidade de ensino. Ele acredita que, num futuro não muito distante, ensino a distância e ensino presencial irão se relacionar tão fortemente que

não será possível separá-los em categorias distintas. Desde 2000, foram aplicados recursos no setor, através do lançamento de editais para fomento de projetos e da realização de cursos de capacitação para professores e bolsistas. No final deste mês, será promovido um novo curso para professores que queiram desenvolver projetos na área. **Página 5**

Armazenamento de cordão umbilical: negócio lucrativo

Ciência Artigo da professora Patricia Pranke, do Programa de Pós-graduação em Medicina Interna e da Faculdade de Farmácia da UFRGS, defende a criação de bancos públicos de sangue de cordão umbilical e apresenta argumentos que mostram o quanto o armazenamento em instituições privadas pode ser uma alternativa pouco eficaz. O aspecto mais decisivo está relacionado ao

fato de que, durante os primeiros 20 anos de vida, a probabilidade de alguém necessitar de um transplante de células-tronco usando o seu próprio sangue de cordão é de aproximadamente uma para 20 mil. Além disso, bancos públicos têm maior chance de dispor de amostras raras, já que deverão armazenar sangue de todos os tipos e etnias da comunidade onde estão localizados. **Página 11**

PERFIL

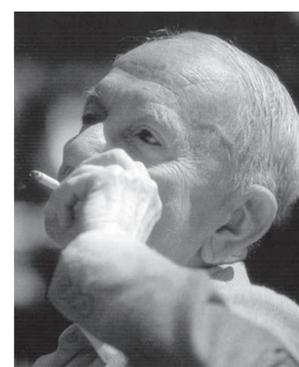
Kathrin Rosenfield

A professora dos PPGs de Letras e de Filosofia diz que cultura e lazer podem caminhar juntos. Ela faz parte do grupo, integrado também pelo diretor de teatro Luciano Alabarse e pelo tradutor Lawrence Pereira, que encenou *Antígona*, de Sófocles, e acaba de apresentar *Hamlet*, de Shakespeare, no Theatro São Pedro. Kathrin, que nasceu na Áustria, afirma que, com *Antígona*, ficou demonstrado que não é verdade que neste país as coisas não funcionem. "Primeiro: tem dinheiro. Segundo: tem pessoas que sabem fazer arte. Terceiro: tem pessoas com cultura. Quarto: tem um público que gosta disso. Então, não tem por que não funcionar." A idéia é reconectar a cultura universitária com a criação artística, fazendo com que o teatro volte a ser uma realidade no Rio Grande do Sul. Para isso, ela busca sensibilizar sociedade, empresários e instituições que cuidam da cultura, visando a diminuir o peso da burocracia. Segundo Kathrin, o financiamento da cultura é "um parto extremamente complicado". **Página 15**

Todos lembram de Quintana

Mário Quintana completaria 100 anos no dia 30 de julho. Uma série de homenagens marcou a data do poeta-passarinho, que tanto amou e tematizou Porto Alegre em seus versos. Mesmo que lhe tenha sido negado três vezes o fardão bordado a ouro da Academia Brasileira de Letras, Quintana é imortal. Muito mais do que expostos em prateleiras de livrarias e escolas, os versos do

poeta estão na memória de quem o leu ou pôde esbarrar nele num dos corredores da Feira do Livro ou nas calçadas do centro da capital. "Nunca lhe dirigi a palavra: aos deuses não devemos importar com nossas menoridades terrenas...", revelou um dos jovens poetas gaúchos com os quais a reportagem do Jornal da Universidade conversou para lembrar Quintana. **Página 13**



REPRODUÇÃO/LIANE NEWS



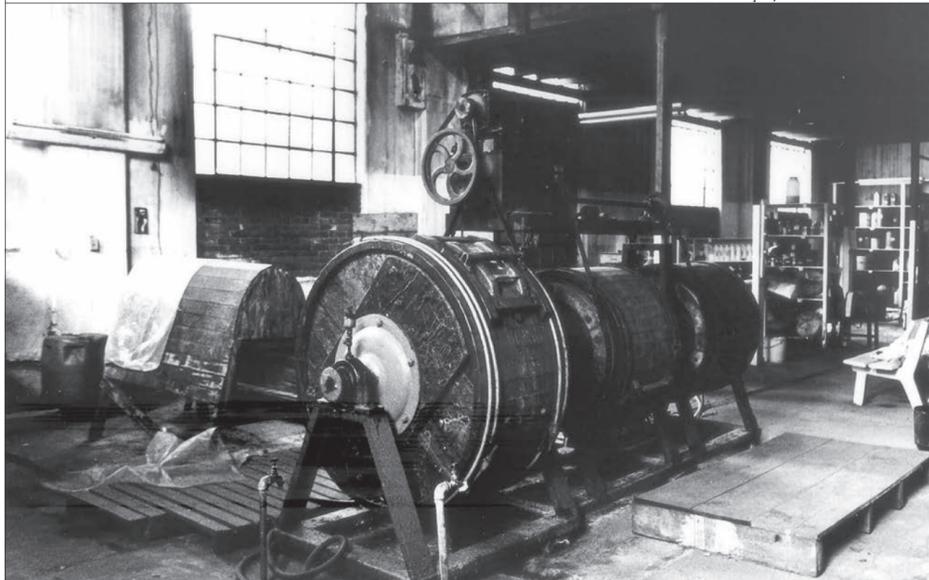
Cartas

Parabéns pela edição de julho. Como adepto da boa leitura e da informação "não-otimizada", destaco a matéria da página 12, "O poeta e seus múltiplos", sobre Fernando Pessoa. E mais, a importância de esclarecer os porto-alegrenses sobre o projeto que reúne grafiteiros e arquitetos, atitude "extensionista" do professor Rogério Malinsky, que, com alma, trabalha preconceitos e idéias fundamentais para transformar lixo em luxo. Jornalismo se faz com linguagens que libertam o sentido maior de cidadania e de liberdade.

Zé Augustho Marques
Poeta e crítico de arte
Porto Alegre

e-mail: jornal@ufrgs.br

Memória da UFRGS



▶ **ENTRE AS DÉCADAS DE 40 E 60** Vista interna do Laboratório de Curtumes e Tanantes, vinculado à Escola de Engenharia. Em primeiro plano, vê-se o equipamento utilizado para o processamento de peles. O prédio foi restaurado entre 1991 e 2002, e hoje abriga o Museu da UFRGS.

REPRODUÇÃO/ACERVO MUSEU DA UFRGS

UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO GRANDE DO SUL
Av. Paulo Gama, 110
Bairro Farroupilha, Porto Alegre - RS
CEP 90046-900
Fone: (51) 3316-7000
www.ufrgs.br

Reitor

José Carlos Ferraz Hennemann

Vice-reitor

Pedro Cezar Dutra Fonseca

Chefe de Gabinete

João Roberto Braga de Mello

Secretária de Comunicação Social

Sandra de Deus

JORNAL DA UNIVERSIDADE

Publicação da Secretaria
de Comunicação Social da UFRGS
Fone/fax: (51) 3316-3368
www.jornal.ufrgs.br

Conselho Editorial

Alfredo Carlos Storck,

César Antonio Leal, Dirce Maria

Antunes Suertegaray, Edson Luiz

Lindner, Helen Beatriz Frota

Rozados, Luis Augusto Fischer,

Márcia Benetti Machado,

Maria Henriqueta Luce Kruse

REDAÇÃO

Editora-chefe

Ânia Chala

Editor-executivo

Ademar Vargas de Freitas

Secretária de redação

Sandra Salgado

Repórteres desta edição

Luiz Ricardo Linch (bolsista)

Projeto gráfico e diagramação

Juliano Bruni Pereira

Fotografia

Beto Conte, Flávio Dutra, Letícia

Lampert, Ricardo de Andrade,

Simone Pasin e Stela Rates

Revisão

Ademar Vargas de Freitas

e Ânia Chala

Colaboraram nesta edição

Caroline da Silva, Patricia Pranke,

Paulo Vizenini e Marcelo Spalding

Circulação

Arthur Bloise

Fotolitos e impressão

Gazeta do Sul S.A.

Tiragem

12 mil exemplares

Espaço da Reitoria

Aos calouros, o príncipe da Dinamarca

A cada semestre, a Universidade renova-se com a chegada de calouros. A primeira aula não deixa visível o trabalho de todos os envolvidos que, aqui dentro, colaboraram para que tudo dê certo naquele dia: as Comissões de Graduação, Departamentos, Direções de Unidades, o Centro de Processamento de Dados e as Pró-reitorias, em um planejamento cujo alvo envolve 21 mil alunos de graduação. Se tudo dá certo, o clima de normalidade sugere que nada acontece. O trabalho, por seu ritual repetitivo, pode parecer rotineiro e burocrático, não fosse o fato de envolver o sonho de milhares de jovens de cursarem uma universidade pública e de qualidade. Temos consciência disso, sentimo-nos par-

ceiros e pedimos licença para compartilhar cada projeto de vida: é essa a nossa missão. Por isso, encaramos cada reinício como se tudo começasse outra vez.

Neste semestre, a primeira matrícula brinda os calouros com o convite para assistir *Hamlet*, desde já estendido a toda a comunidade universitária. Nada melhor do que marcar o ingresso em uma instituição centenária comprometida com a cultura e com a educação do que a oportunidade de ver, ou rever – pois os clássicos sempre se renovam e nunca se desatualizam – a obra que, para muitos, é o ponto alto do teatro da Renascença. Como quem constrói projetos de vida, em *Hamlet* é o homem o senhor de seu

destino, com suas escolhas, suas incertezas e suas realizações. Desde o início, com o surpreendente aparecimento, vindo do além, de uma "alma penada" (e muitas delas povoam nosso cotidiano, com o apego característico do comportamento patológico de não admitir a temporalidade e a transitoriedade das coisas e dos fatos), até seu final, com a morte como desfecho e o silêncio como trágico, *Hamlet* sintetiza o Humanismo como revolução. E todos os sentimentos coexistem: o amor, a amizade e a lealdade, valores perenes e sem adjetivos, ao lado da traição, da corrupção e da ambição pelo poder. E estes se entrelaçam com a tragédia pessoal: o destino de *Hamlet* tem tudo a ver com o

que há de podre naquele reino distante e tão próximo de nós.

Além do mais, a apresentação ajudará a mostrar mais uma vez como no Rio Grande do Sul se pode fazer e se faz arte de primeira qualidade, da tradução especial à montagem, da direção ao trabalho impecável dos atores. Sempre participe da vida cultural e dos grandes acontecimentos do estado, a UFRGS não poderia estar ausente. E com isso reafirma seu compromisso com a arte, com a cultura, com a ciência, com o pensamento crítico e com a produção e divulgação do trabalho intelectual, suas aplicações e desdobramentos. Enfim, seu compromisso com a educação e a formação integral de cidadãos. Bom semestre a todos!

Artigo

Depois da Copa, as eleições: que vençam os brasileiros

Acabou a Copa do Mundo de Futebol. O Brasil perdeu. O sonho do hexacampeonato se esvaiu. Alegres vencedores antecipados antes da competição se iniciaram, "melhores do mundo" por retrospecto, terminamos a *pelea* tristemente, decepcionados e cabisbaixos. Nossos atletas, quase todos extra-territoriais, radicados e atuando em clubes europeus, onde encontram riqueza e oportunidades, não souberam, não obstante o brilho e o talento individuais, constituir-se como equipe, time, conjunto.

Metáfora da diáspora populacional brasileira, os jogadores de nossa seleção de futebol reproduziram o drama de seus conterrâneos que, em busca de sucesso pessoal, têm que deixar para trás suas origens nacionais e coletivas e atuar individualmente, nos países para onde migram. Ainda que alguns vençam, por talento e esforço próprios, perdemos todos, no conjunto, como brasileiros, por nossa incapacidade histórica de construir coletivamente um país onde todos tenham a oportunidade de viver com dignidade.

Não obstante tenha sido esta uma das piores Copas do Mundo de todos os tempos, com um dos menores índices de gols assinalados e um dos maiores números de faltas e de expulsões registrados dentre todas as competições já realizadas, repetiu-se nesta copa o que acontece em todo o planeta a cada quatro anos. Convergiram para uma bola e para os vinte e dois jogadores que a disputaram a cada jogo, durante cerca de trinta dias, as atenções dos torcedores ao redor do mundo. Suspen-

deram-se aulas, interrompeu-se o trabalho, esvaziaram-se as ruas. Nos momentos de jogos das seleções nacionais, as atenções, em grande número de países, voltaram-se para um único objetivo: vencer a competição.

Acabada a Copa do Mundo de Futebol – na qual quem perdeu, na verdade, foi a Seleção Brasileira de Futebol, não o Brasil, nem você, nem eu – começa, agora, uma outra competição, esta sim, crucial para o país e para cada um de nós. A competição eleitoral. Através dela escolheremos nosso presidente da República e nossos governadores de estado, além de 1/3 dos senadores e todos os deputados dos âmbitos federal e estadual. Nesta competição é preciso que ganhemos não individualmente, mas de modo coletivo, como nação e como povo.

Esta será a quinta eleição democrática no país, desde o final da ditadura militar. Com a realização de algumas mudanças nas regras eleitorais frente às eleições anteriores, como a introdução da cláusula de barreira, a restrição a algumas formas de propaganda eleitoral e o aumento, mesmo que tímido, do rigor na prestação de contas dos candidatos, avançamos no processo de sedimentação institucional anteriormente iniciado, através da fixação de regras elei-



LETÍCIA LAMPERT

torais relativamente estáveis e duradouras, exigência fundamental da democracia plena e consolidada.

Com a tendência de redução do número de partidos, consequência da instituição da cláusula de barreira e de redução dos custos

de campanha, resultante da limitação da propaganda e da maior fiscalização sobre a arrecadação, começaremos a criar condições que contribuam para a governabilidade, reduzindo a utilização de aliciamento das oposições através do loteamento de cargos e ministérios, verbas do orçamento, "mensalões" e "mensalinhos", dando, assim, um passo importante, ainda que incipiente, para eliminar a corrupção sistêmica e o toma-lá-dá-cá, tão característicos das práticas políticas vigentes no Brasil.

Hoje, após todos os principais partidos políticos e lideranças democráticas brasileiras terem passado pela experiência de ser governo, as eleições tendem a assumir, cada vez mais, um caráter rotineiro. Resta cada vez menos espaço para o surgimento dos "salvadores da pátria" capazes de resolver, em uma só penada, os problemas do país. A perda do caráter mágico das eleições, vistas como saída absoluta para os problemas nacionais, se, por um lado, lhes dá um sabor algo insípido, uma sensação de falta de encanto, por outro, nos dá a certeza de que estamos trilhando o caminho da institucionalização democrática. Caminho que nos coloca cada vez mais próximos da real possibilidade de todos os brasileiros, como conjunto e como nação, sagrarem-se vencedores a cada nova eleição.

Benedito Tadeu César
Professor do Departamento e do Programa de Pós-graduação em Ciência Política do IFCH



RICARDO DE ANDRADE

ceclimar ■ Pingüins voltam ao mar

O Centro de Estudos Costeiros, Limnológicos e Marinheiros (Ceclimar) da UFRGS realizou, em julho, a devolução ao mar de 14 pingüins da espécie pingüim-de-magalhães. Os animais, oriundos da Patagônia, no sul da Argentina, foram recolhidos em diversos pontos da orla do Rio Grande do Sul e, em sua grande maioria, encontravam-se cobertos de óleo. No Ceclimar eles passaram por um processo de lavagem para a retirada do óleo e foram pesados. Em seguida, foram hidratados e receberam vitaminas e ferro. Depois de um período de recuperação de cerca de dois meses, os animais foram devolvidos ao mar. O Ceclimar mantém acordo de cooperação com a Faculdade de Veterinária, que dá assistência ao Centro. O veterinário e professor da Faculdade de Veterinária, Marcelo Alievi, a veterinária Fabiane Fonseca e a bióloga Ivone Fausto são os principais responsáveis por esse trabalho de recuperação e reintrodução de espécies feito no Ceclimar.

arqueologia ■ Projeto Apollonia é adiado

Foi suspensa a expedição arqueológica que levaria para Israel seis integrantes do Núcleo de História Antiga da UFRGS, coordenado pelo professor Francisco Marshall. Após um contato do Itamaraty, ficou acertado que a missão ocorrerá quando o país voltar a ser um local seguro.

patrimônio histórico ■ O trabalho que não pára

O antigo prédio da Faculdade de Medicina, localizado na rua Sarmento Leite, necessita de R\$ 6 milhões de reais para a sua restauração. Em sete anos, foram arrecadados R\$ 308 mil, aplicados em ações parciais. Em 1913, começaram as obras da faculdade, no local antes ocupado pelo Circo de Touradas. No ano seguinte, a construção é interrompida pela crise ocasionada pela Primeira Guerra Mundial. Apenas em 1919, a Secretaria de Obras do Estado reinicia os trabalhos, já com alterações no projeto original. Após a restauração, o prédio sediará o Instituto de Artes e também a Academia Sul-rio-grandense de Medicina. A Faculdade, que completou 108 anos de fundação em julho, já formou mais de 8 mil médicos, mais de mil especialistas e aproximadamente 900 mestres e doutores. Essa instituição aceita doações, cujo valor pode ser deduzido do Imposto de Renda. Informações no site www.ufrgs.br/predioshistoricos, ou pelo fone 3316-3018.

Também em julho, foi inaugurado o prédio restaurado do Castelinho, criado em 1906 como Instituto Técnico Profissional da Escola de Engenharia, posteriormente chamado de Parobé. A unidade de ensino foi idealizada como escola para filhos de operários e crianças carentes. Em ambientes amplos e bem equipados com modernas máquinas e ferramentas importadas, foram sediados, no Castelinho, os laboratórios e as oficinas para aulas práticas de mecânica. Atualmente, o prédio abriga o Núcleo para Inovação das Edificações (Norie). O custo desta restauração foi de 491 mil reais.



Antigo prédio da Medicina (acima) precisa de verbas, enquanto o Castelinho já foi restaurado

FABIANO BURTA



premiação ■ Jovem Cientista

Com o tema "Gestão Sustentável da Biodiversidade - Desafio do Milênio", foi lançado o Prêmio Jovem Cientista do CNPq, a mais importante premiação científica da América Latina, voltada para graduados e estudantes do ensino superior e do ensino médio. As inscrições são individuais e vão até 30 de novembro, em cinco categorias. O material pode ser enviado pelo correio ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), Serviço de prêmios - SENP 507, sala 207, Brasília, DF - CEP 70740-901 (categorias graduado e estudante do ensino superior) ou para a Fundação Roberto Marinho - Rua Santa Alexandrina, 366, Rio Comprido, Rio de Janeiro - CEP 20261-232 (categoria estudante do ensino médio). As inscrições também podem ser feitas pelo endereço eletrônico www.jovemcientista.cnpq.br. Mais informações estão disponíveis no mesmo site.

RH ■ UFRGS e John Deere assinam convênio

A Universidade e a empresa John Deere, parceira de projetos nas áreas de biodiesel e de testes em máquinas agrícolas, firmaram novo acordo de cooperação. Estão previstos intercâmbios científicos e tecnológicos, abrangendo atividades de pesquisa e treinamento de recursos humanos.

administração ■ Ensino da sustentabilidade

Ensinar e contribuir para o desenvolvimento sustentável do planeta é o objetivo do evento "A Universidade frente aos desafios da sustentabilidade", que a Escola de Administração organiza, no próximo dia 23, em Porto Alegre, com a participação de mais oito instituições de ensino superior. O encontro, que tem apoio da Unesco e patrocínio da Copesul, é aberto a alunos, professores e comunidade, e vai fomentar o debate e a reflexão sobre educação ambiental, gestão das águas,

sistemas de gestão ambiental e gestão de resíduos. Segundo o professor Luís Felipe Nascimento, do Programa de Pós-graduação da Escola de Administração e coordenador-geral do evento, o objetivo é construir uma rede organizada, dentro do ambiente acadêmico, para permitir o intercâmbio de questões relativas à sustentabilidade no contexto do ensino, pesquisa e extensão. Inscrições e informações no site <http://www.unisustentavel.ea.ufrgs.br>.

Breves

Novos mestrados

O Conselho Técnico Científico (CTC) da Capes aprovou dois novos cursos de mestrado para a UFRGS na área de Engenharia: Ciências dos Materiais e Microeletrônica. Em sua última reunião, o CTC aprovou 83 mestrados, 44 doutorados e 20 mestrados profissionais.

Desenvolvimento rural

Com o estudo sobre redes sociais de reciprocidade de trabalho: as bases histórico-sociais do desenvolvimento da Serra Gaúcha, o mestrando Guilherme Francisco Waterloo Radomsky, do Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Rural da UFRGS, recebeu o prêmio Sober - concedido à melhor dissertação, em nível de mestrado. A premiação ocorreu durante o Congresso Brasileiro de Economia e Sociologia Rural, em Fortaleza (CE). Na ocasião, o bolsista de pós-doutorado do mesmo PGDR, Marco Antônio Verardi Fialho, recebeu o prêmio José Gomes da Silva, com a tese "Rincões de pobreza e desenvolvimento: interpretações sobre comportamento coletivo".

Economia

A aluna do curso de Economia Aplicada do PPGE/UFRGS, Marianne Stampe, foi premiada com o segundo lugar no XIII Prêmio Brasil de Economia. Com a orientação do professor Ronald Hillbrecht, o trabalho abordou os retornos da educação infantil no Rio Grande do Sul, utilizando uma metodologia do Banco Mundial. A premiação é conferida pelo Conselho Federal de Economia.

Educação

Com a publicação do primeiro livro sobre o tema "Redes e Computação de Dados", a professora da Faculdade de Educação e diretora do Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação (Cinted), Liane Tarouco, recebeu dois prêmios da Sociedade dos Usuários de Computadores e Equipamentos Subsidiários (Sucusu). A premiação faz parte das comemorações dos quarenta anos da entidade.

Notícias

A Secretaria de Comunicação Social (Secom) está disponibilizando no site da Universidade, um *clipping* das notícias sobre educação veiculadas nas rádios do país. A Secom, que já oferecia esse serviço diário baseado em jornais nacionais, locais e do interior, ampliará o trabalho, em breve, com o *clipping* de televisão. O site é www.clipping.ufrgs.br.

Vestibular 2007

Está disponível na página da Universidade na Internet o edital do concurso vestibular 2007, bem como o manual do candidato. As inscrições serão realizadas via Internet de 15 de agosto a 14 de setembro e as provas ocorrerão de 7 a 10 de janeiro de 2007. O edital completo pode ser acessado através do site www.ufrgs.br/coperse.

Salão de EXTENSÃO 7º

Ampliando as Fronteiras da Universidade

UFRGS PROEXT DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Meio Ambiente, Tecnologia, Educação, Trabalho, Saúde, Direitos Humanos, Cultura, Comunicação

24 a 28 setembro/2006 CAMPUS CENTRAL

INSCRIÇÕES DE TRABALHOS até 11/08
INSCRIÇÕES DE PARTICIPANTES de 28/8 até 28/9
www.proext.ufrgs.br

ARTE: ROSÁNE VIEIRA

Redação e edição

Sandra Salgado | Fone: 3316-3497 | E-mail: sandra.salgado@ufrgs.br



O CRESCIMENTO DO USO DE CRACK

Quais são os fatores que levam as pessoas ao consumo e ao tráfico de drogas? Ao consultar dois especialistas no assunto, o Jornal da Universidade constatou que os motivos para ambas as atitudes se assemelham: a satisfação imediata, seja de uma carência emocional ou econômica. Se o caminho a trilhar para o sucesso profissional e pessoal é longo, o tráfico se coloca para as populações mais pobres como uma alternativa atraente, diante de um futuro com poucas perspectivas. Já entre os jovens da classe média, as motivações podem ser de outra ordem, mas os resultados são os mesmos: desestruturação familiar, violência e incapacidade de lidar com um problema cada vez mais comum.



STELLA NANTES

Até quando as pedras vão rolar?

Mauro Henrique Renner*

N a década de 70, para uma pessoa chegada, de qualquer forma, ao consumo de drogas – fosse habitual, eventual, social ou esporádico –, nenhuma substância tinha mais classe do que a cocaína. As “bolinhas” ou “boletas” ingeridas com álcool produziam um efeito “panqueca”. A heroína era “para baixo”, e a maco-nha, anestésica. Já a cocaína era limpa, branca e charmosa. A droga do poder e da ousadia. Em compensação, custava caro, e a sensação que oferecia, embora intensamente prazerosa, era de curta duração.

No início dos anos 80, os traficantes descobriram que misturar cocaína com soda e água e em seguida reduzir o líquido resultava em pequenas pedras de cocaína, que podiam ser fumadas. O nome crack deriva do som produzido pela mistura durante o cozimento. Uma pedra de crack leva uma porção ínfima de cocaína pura, o que determina seu baixíssimo preço no varejo. Em segundos seu efeito toma conta do cérebro e passa muito rápido, levando seu usuário a querer mais.

Sob o ponto de vista mercadológico, apenas no viés econômico, só podia ser um produto fadado ao sucesso, dependendo apenas da rede de distribuição disponível. Desde que as cidades existem, há gangues, bandos, quadrilhas ou organizações criminosas com algum grau de sofisticação e hierarquia. Eis a rede de distribuição. É preciso ter em

mente que estamos diante de um negócio altamente organizado e lucrativo (ainda que para poucos), tão perigoso quanto glamoroso para quem não tem qualquer outra perspectiva de vida.

O primeiro contato com o tráfico dá-se como “olheiro” ou “avião” (o vigia e o transportador da droga da boca-de-fumo até o usuário, respectivamente). Nenhum dos dois integra, a rigor, a “carreira” do tráfico. Esta se inicia no posto de “soldado”, que trabalham em péssimas condições: passam o dia em pé em uma esquina, controlando seus olheiros e aviões sem descuidar de seus viciados habituais e drogados de ocasião, pois devem sempre mantendo a venda em expansão, já que se trata de um negócio. Arriscam-se a ser presos, achados pela polícia, torturados ou mortos ou tudo isso junto. Devem cuidar-se dos traficantes rivais, pois uma forma de expandir os lucros é conquistar territórios vizinhos. Assim, um soldado do tráfico é sempre um alvo em potencial. E, ao fim do dia, se venceu todas estas dificuldades, ainda terá de prestar contas ao gerente do ponto de venda. Erros, equívocos, má contabilidade são corrigidos com todo tipo de tortura, quando não com a vida.

O crack, mais nocivo que a cocaína, começa a dar sinais de estar galgando a pirâmide social

Pode-se imaginar que o dinheiro compense todo esse sacrifício. Não é verdade. O lucro ficará sempre com os donos do negócio, que, em Porto Alegre, resume-se a 18 traficantes que lotearam a cidade, cabendo ao restante da mão-de-obra receber entre um e dois salários mínimos mensais.

É de perguntar, então: o que leva esses meninos e meninas a orbitar ao redor do tráfico. Por que, se o risco é enorme e a recompensa diminuta?

O mesmo motor que leva uma menina a sair do interior e vir para Porto Alegre morar numa pensão, trabalhar o dia inteiro e estudar à noite para tentar ingressar na UFRGS. O mesmo motor que faz outro rapaz morar em um estádio de futebol, sem qualquer diversão, pretendendo uma vaga em um grande time profissional. Todos estão inseridos em áreas altamente competitivas nas quais, se forem vencedores, farão fortuna, glória e poder.

O tráfico, em meio a populações carentes e sem outras perspectivas, representa uma carreira atrativa, com etapas difíceis, mas definidas, a serem cumpridas, e, alcançado o sucesso, estará realizado o sonho de infân-

cia; para muitos desses meninos, chefiar uma boca-de-fumo é de longe o que de melhor almejam para suas vidas.

Vale lembrar que a cocaína migrou do topo da pirâmide social para inundar a classe média e causar estragos ainda maiores na sua base. O crack, potencialmente muito mais nocivo do que a cocaína, dá sinais de estar lentamente galgando a pirâmide social. É bem verdade que inexistem estudos específicos, mas já há relatos na mídia das angústias de famílias da classe média.

Se for uma tendência, há de se atentar para fenômeno já ocorrido com a maco-nha e a cocaína, quando jovens de classe média (não por falta de opção de vida, mas por circunstâncias outras que não há como abordar neste espaço) passaram a comprar e a revender para amigos e colegas de colégio ou de faculdade, para sustentar seu próprio consumo, terminando muitas vezes processados por tráfico. A reflexão serve, ao cabo, para gizar os limites da intervenção jurídica e repressiva. Mesmo porque o bem jurídico protegido, pela lei de tóxicos, é a saúde pública, sempre melhor tutelada por medidas educativas e preventivas. E pela conscientização dos cidadãos.

*Subprocurador-geral de Justiça para Assuntos Institucionais, Ministério Público do Estado do Rio Grande do Sul

A expansão do consumo em Porto Alegre

Felix Kessler* e Maria Adélia Pieta**

N o Brasil, existe uma preocupação com a disseminação e o aumento do consumo de cocaína, que, em decorrência de seu menor custo, começou a atingir um nível mais popular e faixas etárias cada vez mais baixas. Para piorar a situação, surge uma nova apresentação da substância denominada crack.

O crack é uma droga ilícita produzida a partir da pasta não refinada da cocaína, apresentando-se na forma de pequenas pedras que, ao serem queimadas e inaladas resultam num efeito até cinco vezes mais potente do que o da cocaína. Ela atua no cérebro como estimulante do sistema nervoso central, aumentando sua atividade e ampliando o estado de vigilância, a atenção, a aceleração do pensamento e a euforia.

O Centro de Pesquisa em Álcool e Drogas (CPAD) da UFRGS, dirigido pelo professor Flavio Pechansky, tem acompanhado o crescimento do consumo de crack e levantou alguns dados interessantes através de grupos focais com os próprios usuários. Eles contam a inserção do crack no “mercado brasileiro” deu-se por volta de 1988, tendo chegado a Porto Alegre em 2001. Daí em diante, seu consumo tem aumentado significativamente, atingindo níveis endêmicos.

Na região sul, o crack costuma ser consu-

mido em latas de refrigerante ou cerveja. “Você pega a lata vazia, amassa, faz alguns buracos com um prego, coloca as cinzas do cigarro em cima e elas ajudam a pedra a queimar”, diz um consumidor. Algumas vezes, é fumado em cachimbos, canos plásticos, ou até mesmo na bomba de chimarrão. É comum a parafernália utilizada para fumar o crack passar de boca em boca, sendo ignorados os riscos de transmissão de doenças como a tuberculose e o HIV, bem como a intoxicação com o alumínio das latas, que vem sendo estudada no CPAD.

Outro ponto relevante a respeito do aumento do consumo dessa droga na capital deve-se à substituição da cocaína injetável pelo crack, seja por medo de contrair o vírus HIV com o uso de seringas, seja pela má qualidade da cocaína disponível nas ruas, o que dificulta seu preparo para injeção.

Os efeitos causados pelo consumo de crack são rápidos e intensos, iniciando com uma euforia plena até desencadear uma profunda depressão e fissura (desejo pela droga). Estima-se que seja esse fato que pro-

Reportagens e relatos em escolas mostram o aumento do uso do crack na classe média

duz a busca de novas e sucessivas doses na tentativa de reencontrar o prazer experimentado inicialmente. É a velocidade dos efeitos que gera a necessidade incontrolável de repetir o uso da droga, ocasionando dependência em período mais curto do que a cocaína.

Os usuários de crack tendem a fazer sessões por dias seguidos, negligenciando a alimentação, o sono e a higiene, e comprometendo gravemente sua saúde física. Muitos apresentam feridas no corpo, resultantes de queimaduras e do hábito de coçar a pele, devido à percepção alucinatória de haver bichos debaixo dela. Alguns apresentam tosse constante e problemas no sistema respiratório, como congestão nasal, expectoração de muco preto e sérios danos nos pulmões. Com o tempo e uso constante da droga, aparecem um cansaço intenso, uma forte depressão e desinteresse sexual.

Nos últimos anos, a qualidade do crack disponível nas ruas de Porto Alegre tem diminuído, bem como seus efeitos diretos. Daí

seu uso misturado com o cigarro de maco-nha, no chamado “macaquinho”. “O macaquinho não é tão bom quanto fumar na lata”, informa um consumidor.

Um fator preocupante para as autoridades locais é a disseminação do crack entre mulheres pobres consumidoras de drogas. Para sustentar a dependência, elas acabam fazendo sexo sem proteção, e isto constitui alto risco para a transmissão de HIV.

Outra questão que vem causando preocupação é o aumento do uso de crack na classe média da população de Porto Alegre. Por enquanto, não há evidências científicas comprovando esse dado, mas várias reportagens veiculadas pela mídia e relatos em escolas particulares apontam nessa direção. Por todos esses motivos, faz-se necessário o permanente e incansável esforço dos profissionais de saúde da nossa região, amparados pelas instituições sociais – família, escola, órgãos públicos e de comunicações – a fim de prevenir e tratar os problemas decorrentes da disseminação dessa droga na comunidade.

*Psiquiatra, vice-diretor do Centro de Pesquisa em Álcool e Drogas (CPAD)

**Psicóloga, assistente de pesquisa do CPAD

“Ensino a distância não é barato nem fácil”

Educação Para o secretário Julio Nitzke, o caminho escolhido pela Universidade aposta na qualidade

Ánia Chala

Desde dezembro de 2005, com a regulamentação da educação a distância no Brasil, as universidades interessadas em aderir a esta modalidade de ensino vêm aprimorando seus mecanismos internos para implementar novos cursos. Na UFRGS, em janeiro deste ano, foi definido o regulamento para a implantação e acompanhamento dos cursos de educação a distância, também conhecidos como EAD.

O professor Julio Alberto Nitzke, secretário de Educação a Distância, afirma que o primeiro ponto a destacar é o conceito adotado pela Universidade nesta área. “Entendemos essa modalidade de ensino dentro de um contexto muito mais amplo, no qual incluímos não só os cursos realmente a distância, mas qualquer utilização das tecnologias de informação e comunicação para intermediar o processo entre os alunos e os professores.”

O dirigente entende que essa definição foi importante porque abandonou a idéia limitada de que a EAD compreende apenas aqueles cursos em que alunos e professores estão em locais diferentes. “Quando o professor de uma disciplina presencial ministra parte dos conteúdos intermediando o contato com os alunos através de um ambiente virtual, de um *chat* ou de outros meios interativos, isso também é considerado como educação a distância.” Ele esclarece que, dentro dos cursos presenciais, até 20% da carga horária podem ser ministrados a distância. Em contrapartida, aqueles que prevêem um percentual maior de atividades a distância são considerados como cursos a distância.

Nosso país adotou um sistema bimodal, no qual educação presencial e a distância são desenvolvidas no mesmo ambiente acadêmico. “Essa foi uma escolha correta, porque num futuro não muito distante, ambas as formas irão se interrelacionar de maneira tão intensa que não haverá como separá-las”, diz o professor. Além disso, com a nova regulamentação, os diplomas de cursos presenciais ou a distância têm o mesmo valor.

Iniciativas – Atualmente, a Universidade está desenvolvendo seus dois primeiros cursos de graduação totalmente a distância: o de Administração e o de Licenciatura em Pedagogia - Anos Iniciais. Segundo Julio Nitzke, a procura por esses cursos foi menor do que se imaginava, apesar de serem totalmente gratuitos.



O professor acha que um dos maiores desafios no ensino a distância é o fator humano

FLAVIO DUINA

O de Licenciatura em Pedagogia integra um convênio do Ministério da Educação chamado Pró-licenciaturas, voltado para a capacitação dos professores leigos, que já atuam em escolas públicas, mas não têm habilitação para isso. O curso de Administração teve 70% das vagas direcionadas para funcionários do Banco do Brasil, através de um convênio do MEC com o Fórum das Estatais, e o restante foi destinado ao público em geral. “Isso se deveu a dois fatores: o ineditismo das iniciativas e o fato de não termos investido na divulgação. Além disso, os prazos de inscrição foram exíguos. Daqui para a frente iremos modificar nossas estratégias”, garante o secretário.

Na área da especialização, a UFRGS já tem dois cursos tradicionais: o de Administração Pública Eficaz, desenvolvido pela Escola de Administração através de convênio com o Banco do Brasil, especificamente para funcionários daquela instituição, e o de Informática na Educação, oferecido pelo Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação (Cinted).

Quanto aos cursos extensionistas, o secretário diz que, como a Universidade adotou uma forma descentralizada de educação a distância, os cursos não precisam estar obrigatoriamente cadastrados

junto à Sead. “Mas, com a parceria da Pró-reitoria de Extensão, vamos unificar essas informações, até para podermos divulgá-las mais amplamente.”

Desde 2000, a Universidade vem lançando editais que destinam recursos para o desenvolvimento de projetos em EAD. Julio Nitzke informa que a UFRGS tem 50 projetos sendo fomentados. “Os professores recebem um computador e um ou dois bolsistas para criarem

Até 2007, a UFRGS terá cerca de 4 mil alunos realizando cursos a distância

objetos de aprendizagem de educação a distância. Esse é um investimento na base, na qualificação dos professores e na criação de projetos e de núcleos nas unidades.”

O secretário acrescenta que a Universidade decidiu destinar parte da verba deste ano para a capacitação dos professores. No primeiro semestre, a Sead promoveu cursos de criação de páginas na Internet e de ambientes de aprendizagem. “Neste semestre, faremos um curso básico de introdução à EAD aberto a todos os

professores, com noções rápidas de como criar uma página, quais as vantagens e como utilizá-la como um ambiente de aprendizagem, seja nas atividades presenciais ou em atividades de educação a distância.”

Até 2007, a UFRGS deverá oferecer mais oito cursos de graduação a distância, perfazendo cerca de 4 mil alunos nessa modalidade, distribuídos entre 10 cursos. “Isso praticamente dobra o número de vagas disponibilizadas anualmente, mas é importante lembrar que essas vagas estão ligadas a projetos especiais, dirigidos a professores que estão em sala de aula, e não se somam às já oferecidas via vestibular. De qualquer forma, o número de alunos vai aumentar tremendamente dentro do conceito de EAD”, garante Nitzke.

Evolução – O Brasil já tem três gerações em EAD. A primeira, desenvolvida através dos cursos do Instituto Universal Brasileiro, em que o aluno recebia livros e apostilas, estudava por conta própria e, no final do processo, submetia-se provas. Depois, iniciou-se uma nova fase, com a implantação dos cursos transmitidos pelo rádio ou pela televisão. A terceira geração é a que, englobando as soluções anteriores, incluiu as tecnologias da informática.

Enquanto no restante do País as instituições continuam utilizando apostilas e outros materiais didáticos, na UFRGS o ensino a distância seguiu um caminho diferente. “Fizemos essa opção porque estamos apoiados num sólido tripé constituído pela Sead, que tem como função fomentar e articular as iniciativas de educação a distância, definindo as diretrizes gerais; o Centro de Processamento de Dados (CPD), que fornece a estrutura tecnológica; e o Cinted, que dá capacitação e desenvolve projetos interdisciplinares”, explica o professor.

Em função do caminho já trilhado pelo Programa de Pós-graduação em Informática na Educação, o primeiro do Brasil nessa área, a UFRGS tem uma tendência muito forte de utilização da Internet. “A nossa universidade lança mão de sua grande capacidade de interação para que o aluno, a partir das bibliografias indicadas e com a utilização da Internet, possa construir o seu conhecimento. Caberá ao professor capacitar-se, transformando-se num instigador que cria atividades nas quais o aluno precisará buscar informações na própria Internet, ler um livro ou realizar uma experiência e, a partir disso, trocar conhecimentos com seus colegas”, completa o secretário.

Novas tecnologias exigem transformação dos professores

Com o desenvolvimento da educação a distância, além do professor precisar estar por dentro das novas tecnologias, terá de modificar sua forma de transmitir o conhecimento. Antigamente, bastava colocar o conteúdo das disciplinas na Internet e isso era visto como uma novidade.

Para Julio Nitzke, um dos maiores desafios da educação a distância é justamente o fator humano. “Queremos criar uma nova forma de ministrar os mesmos conteúdos em que o acompanhamento da evolução do aluno

também é diferente, pois ele passa a ter uma autonomia muito maior. A EAD é uma forma de aprendizagem em que o aluno faz suas escolhas e se torna responsável por seu próprio desenvolvimento.”

Nesse processo, o medo de alguns professores é justamente o de perder o controle, mas o secretário entende que, na realidade, o professor se torna muito mais importante. Ele diz que os tutores, que orientam o aluno e continuam instigando-o a ir adiante, sob a orientação do professor, exercem um papel fundamental nos projetos

de educação a distância.

No modelo pedagógico adotado pela UFRGS há dois tipos de tutores: um presencial e outro a distância. O tutor presencial (apelidado de tutor sentimental) incentiva o trabalho em grupo e acompanha o aluno durante todo o curso. Preferencialmente, esse tutor é alguém daquela especialidade, isto é, no curso de Pedagogia, será um pedagogo com pós-graduação em Educação. Já o tutor a distância é ligado ao professor e responde pelo conteúdo. Sua função é tentar dirimir as dúvidas técnicas. Ele deve ser mestrando ou

doutorando que trabalhe junto com o professor da disciplina.

Em média, os cursos a distância realizados na Universidade têm um professor, cinco tutores presenciais e três tutores a distância para cada grupo de 150 alunos. “É uma arquitetura bem diferente da adotada nos cursos presenciais, mas nossa principal preocupação é manter a qualidade, já que os cursos são avaliados periodicamente pelo MEC.”

Finalmente, Julio Nitzke considera que existe um mito na área de ensino a distância que precisa ser

derrubado: as universidades não estão fazendo cursos a distância porque é mais barato e mais fácil. “Se quisermos manter a qualidade, a EAD não será nem mais barata, nem mais fácil. No mínimo, terá o mesmo custo e a mesma dificuldade que a educação presencial.” Questionado sobre o porquê do investimento nessa modalidade de ensino, o secretário conclui dizendo que essa é a forma que a UFRGS tem de levar o conhecimento até locais onde seria difícil instalar uma universidade.



Os quatro anos do Museu da UFRGS

Cultura

Divulgando os acervos da Universidade, o espaço exercita sua vocação interdisciplinar

Ânia Chala

No dia 15 de agosto, o Museu da UFRGS completa quatro anos de existência em sua sede definitiva, marcados pela constante preocupação em divulgar os acervos existentes na Universidade. Nesse período, foram realizadas 10 exposições, sendo cinco de longa duração e o restante com duração média de dois meses. “Conseguiu-se criar um espaço no qual os professores são instigados a experimentar, lançando idéias novas, e a Universidade certamente sai muito mais enriquecida ao final desse processo”, diz a diretora do órgão, Claudia Boettcher.

Ligado à Pró-reitoria de Extensão, o Museu desenvolve exposições e projetos especiais de difusão científica, tecnológica, artística e cultural, com acervos pertencentes à Universidade e instituições associadas. Até 2002, não tinha sede própria, o que dificultava a interação com a comunidade. Com o restauro do antigo prédio dos Curtumes e Tanantes, graças ao projeto de preservação dos prédios históricos, o Museu passou a funcionar definitivamente na esquina das avenidas Paulo Gama e Osvaldo Aranha. O espaço foi adaptado para receber exposições e hoje tem um mezanino, uma sala multimeios e um moderno arquivo para armazenagem de acervos documentais e fotográficos.

Para Claudia Boettcher, a ação do Museu não se limita às atividades desenvolvidas no Campus Centro, uma vez que o órgão tem promovido mostras itinerantes em outros campi, oficinas e eventos especialmente planejados para escolas de ensino fundamental e médio e seminários abertos ao público em geral. “Nossa primeira exposição



Prédio, localizado no Campus Centro, abriga exposições e atividades culturais

neste espaço, intitulada *Artistas professores*, divulgou parte do rico acervo da Pinacoteca Barão de Santo Ângelo do Instituto de Artes, mas, naquela época, não conseguimos estabelecer relações com diferentes áreas do conhecimento. A única parceria efetivada foi uma mostra de filmes com a Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação (Fabico).”

A partir daí, foram criados projetos como *Momento Musical*, *Olhares Cruzados* e *O Lúdico no Museu*, propostas que se mantêm até hoje, trazendo uma programação paralela a cada nova mostra. “Esses projetos têm um caráter permanente, com programações planejadas, de forma a criar atividades acopladas às exposições”, informa a diretora.

Por essas iniciativas, Claudia acredita que o Museu consolidou-se como espaço interdisciplinar. “Já na segunda exposição que organizamos, denominada *Os Sons da UFRGS*, conseguimos envolver o Departamento de Música, a Faculdade de Educação e o Instituto de Física. Depois disso, todas as outras mostras de longa duração mantiveram essa característica.”

Avaliação – Claudia observa que a segmentação do conhecimento se reflete no tipo de público que frequenta as exposições. “Quando fi-

zemos a exposição *Antes dos Dinossauros*, com o Departamento de Paleontologia, o público que tivemos era composto majoritariamente por estudantes da área. Já nos seminários que realizamos como atividades paralelas, conseguimos ampliar um pouco esse público, porque colocamos na curadoria um psicanalista e um economista. Aí tivemos o pessoal das artes e da história, mas os paleontologistas compareceram quase exclusivamente às atividades relacionadas diretamente com a Paleontologia.”

Ela explica que todas as atividades têm a coordenação de um professor, que trabalha em parceria com a equipe do Museu. Professores exercem o papel de curadores e sub-curadores nas exposições e também nos seminários, oficinas e projetos especiais. Por sua vez, a equipe do Museu prepara a estrutura de funcionamento para cada exposição, organizando seminários, oficinas e ciclos de filmes. Um diferencial destacado pela diretora é o fato de que os professores que vão ao Museu com alguma proposta de exposição mostram-se dispostos a discutir e não vêm com idéias prontas. “O mais interessante é que eles não nos enviam os projetos prontos para avaliação e vêm aqui para trocar idéias. Existe uma saudável liberdade, que me parece

fazer parte do próprio espírito da Universidade”, completa Claudia, acrescentando que, numa instituição com tantos profissionais qualificados, essa política deliberada só pode agregar resultados positivos.

Um exemplo está no fato de que os seminários e oficinas promovidos mensalmente como programação paralela pelo Museu reúnem entre 50 e 60 pessoas a cada edição, mesmo sem fornecer qualquer tipo de certificado aos participantes. “Num período marcado pelo extremo utilitarismo, em que todos procuram dar conta de seus compromissos profissionais e pessoais, reunir pessoas para simplesmente trocar idéias é uma oportunidade rara, um privilégio.”

A diretora informa que o tipo de público depende muito da exposição. Em 2005, foi registrada uma grande visitação da comunidade externa, mas poucos grupos de escolas. Uma possível explicação apontada por Claudia é que as exposições tiveram um caráter mais artístico e menos didático, com possibilidades restritas de realização de atividades em sala de aula. No final do ano, quando o Museu promoveu a mostra *Total presença*, com um acervo de gravuras do Instituto de Artes, voltou a haver crescimento na visitação de escolas. “Acervo significa trabalho e implica sempre uma receptividade maior”, esclarece ela.

Projetos irão ampliar acesso aos acervos fotográficos

Segundo Claudia Boettcher, a meta para as próximas exposições é atrair diferentes públicos, fazendo com que as pessoas incorporem ao seu dia-a-dia uma rotina de visitação ao Museu, independente do tipo de mostra que estiver em cartaz. “Há pouco tempo, tive a grata surpresa de encontrar um grupo de psicanalistas que me disseram sempre trazer seus filhos para visitar nossas exposições, como um hábito, incorporado ao tour cultural de cada um. Isso foi muito gratificante.”

Ela acrescenta que não é fácil para uma universidade pública manter um museu universitário aberto de segunda a sexta-feira, com entrada franca e exposições de qualidade. Até o ano passado, era a própria UFRGS que financia-

va todas as exposições, com raras exceções. No caso da mostra *Homem-Natureza: cultura, biodiversidade e sustentabilidade*, inaugurada em maio e que seguirá em cartaz até dezembro, houve o patrocínio da Copesul, que viabilizou financeiramente a exposição. “Em pouco mais de dois meses de exposição, tivemos um público de quase 7 mil pessoas, entre visitantes e participantes das atividades paralelas. Isso é um reflexo do que se construiu até agora e da aposta que a universidade fez ao criar um espaço como este.”

Entre os projetos para 2006 está a conclusão da higienização do acervo fotográfico doado há três anos pelo Centro dos Estudantes Universitários da Engenharia (Ceue). Esse trabalho é necessário para a correta conservação do material

doado, que só então estará acessível para pesquisa.

Outra proposta é implantar um sistema de acesso digital ao acervo fotográfico, através de um projeto que está sendo desenvolvido pelo Centro de Processamento de Dados (CPD). Assim, os pesquisadores poderão acessar esse material via Internet e, no caso de desejarem alguma imagem, poderão solicitá-la por e-mail, recebendo-a de forma compactada em alta resolução. Claudia ressalta que isso é importante porque, cada vez que se manipula um acervo em papel, ele está sujeito a danificação.

Além disso, o Museu está com um novo site na página da UFRGS (www.museu.ufrgs.br), no qual, até o final deste semestre, será possível conhecer parte do acervo através de imagens no formato JPEG. O site,

desenvolvido por alunos da Universidade, terá ainda um espaço, tipo blog, para que as pessoas registrem suas impressões a respeito de cada imagem.

Finalmente, está em planejamento um projeto em parceria com o Núcleo de Antropologia Visual do IFCH (Navisual), coordenado pela professora Cornélia Eckert, em que um acervo de imagens de Porto Alegre será acrescido de uma visão antropológica. “Pretendemos disponibilizar essas imagens com o olhar antropológico dos integrantes do Navisual incorporado. Com o tempo, queremos que cada área do conhecimento agregue a sua contribuição, resultando em imagens com análises da arquitetura, da economia, da história. Isso tornará qualquer pesquisa muito mais rica”, conclui a diretora.

Vitrine dos periódicos

Horizontes antropológicos
Nº 25, ano 12 - jan/jun 2006

Revista semestral do Programa de Pós-graduação em Antropologia Social do IFCH
Editores: Sérgio Alves Teixeira, Carlos Alberto Steil e Ruben George Oliven
R\$ 12

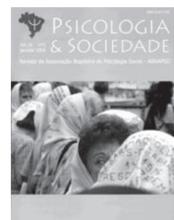


Antropologia e Meio Ambiente é o tema deste volume da revista, organizado pelas professoras

Cornélia Eckert, Ana Luiza Carvalho da Rocha e Isabel Cristina de Moura Carvalho. A publicação apresenta, na seção Espaço Aberto, um texto do antropólogo Michel Maffesoli, intitulado “Comunidade de Destino”. Dentre os diversos artigos, destacamos “Desejos da cidade – imaginários urbanos em assentamentos rurais numa área de reserva da Mata Atlântica brasileira”, em que os professores Bruno César Cavalcanti e Rachel Rocha de Almeida Barros, da Universidade Federal de Alagoas, discutem dados obtidos num estudo sobre populações residentes em dois assentamentos rurais do Incra e em 33 fazendas localizadas na zona da mata alagoana. Os autores afirmam que cabe à antropologia o reconhecimento de que determinadas populações marginalizadas podem gerar relacionamentos inusitados, provocados pelo interesse e pela presença de preservacionistas em seu ambiente social.

Psicologia & Sociedade
Nº 1, volume 18 - jan/abr 2006

Revista quadrimestral da Associação Brasileira de Psicologia Social (Abrapso)
Editora: Cleci Maraschin
Preço a definir



A revista apresenta artigos que buscam enriquecer a Psicologia Social através do exercício da

análise crítica e do mapeamento das possibilidades de transformação. Entre os textos deste número, está o trabalho dos professores da Universidade Estadual de Campinas, Carolina Pasquote Vieira e Marcos de Souza Queiroz, que apresentam pesquisa sobre câncer na mulher a partir do ponto de vista de profissionais de enfermagem do Centro de Atenção Integral à Saúde da Mulher e de pacientes internadas nesse centro mantido pela Unicamp. De acordo com dados obtidos, os pesquisadores concluíram que “construções culturais acerca do diagnóstico da doença” induzem a mulher a assumir papel de doente, com implicações radicais em sua rotina de vida.

As publicações aqui divulgadas podem ser adquiridas nas Livrarias da UFRGS

Esporte universitário ressurgiu com novo fôlego na UFRGS

Comportamento
Projetos de extensão fazem crescer a participação de estudantes em atividades físicas

O calor emocionante das disputas, a vibração contagiante da torcida; coisas assim, que fazem do esporte um verdadeiro criador de paixões, vêm renascendo aos poucos na Universidade. Os excelentes resultados obtidos nos 27^o Jogos Universitários Gaúchos (JUGs), realizados em maio, reavivaram os gritos de vitória de alunos da nossa universidade, por muito tempo quietados. Através dos esforços do professor da Escola de Educação Física, Jorge Barreto, a atual administração da UFRGS vem estimulando a atividade esportiva entre os estudantes.

“O fortalecimento de valores está relacionado ao esporte, como o lazer, a amizade e o bem-estar do corpo. Tão expressiva foi a atuação de nossos atletas universitários nos JUGs que, caso tivesse sido feita uma contagem geral dos pontos, a UFRGS certamente teria ficado em primeiro lugar. Participamos de nove das dez modalidades abertas para inscrição, sendo que em sete nos classificamos para as finais.”

Alcançaram o alto do pódio o basquete masculino, a natação masculina e feminina e o judô masculino. Esses destaques, porém, não diminuem as conquistas de todos os outros atletas, que, para o professor Barreto, igualmente competiram com muita raça e dignidade. A nossa universidade também se destacou por ser a instituição pública que esteve presente em maior número de modalidades esportivas.

A participação da UFRGS nesse campeonato pôs fim a uma ausência de vários anos em competições universitárias. Esse período significou mais do que uma carência de troféus e medalhas: foi um tempo de baixíssima atividade esportiva para os estudantes em geral. Barreto explica que o antigo modelo universitário para o esporte foi, em parte, responsável por isso. Entre as décadas de 70 e 90, a prática esportiva visava aos interesses do Estado como forma de desmobilização política dos estudantes. O incentivo ao esporte guardava uma conotação ideológica, procurando desviar a atenção da universidade pública, um dos principais focos de resistência à ditadura.

Em consequência disso, os estu-



Equipes de vôlei e de natação realizam treinos regulares nas dependências da Esef

dantes se desinteressaram pela prática esportiva, pois não havia vontade de participar de algo obrigatório e proposto por um sistema político ao qual se opunham. O lado negativo disso é que os estudantes também acabaram se privando de boa parte das possibilidades de lazer na universidade. As atividades esportivas ficaram em segundo plano ou quase desapareceram. Da década de 90 para cá, apenas alguns poucos projetos de extensão, orientados por professores da Esef, permitiram aos estudantes praticar algum esporte.

Mobilização – Logo que deu início a seu plano de revitalizar o esporte universitário, no primeiro semestre de 2005, o professor Barreto procurou o DCE. “Minha idéia era primeiro me dirigir aos estudantes, para depois alcançar os servidores e docentes”, explica. O contato com os diretórios acadêmicos revelou que eles não tinham qualquer tipo de departamento esportivo estruturado, à exceção da Educação Física. Voltadas em sua maior parte para a militância política, as organizações estudantis, de início, demonstraram pouco entusiasmo em levar adiante o projeto proposto pelo professor. Dos 36 questionários sobre o assunto enviados aos DAs, apenas dois retornaram.

Apesar da baixa adesão, as reuniões com os estudantes, em especial os de Educação Física, resultaram na organização dos primeiros Jogos da UFRGS, realizados na Esef, nos dois primeiros finais de semana de outubro de 2005. A idéia era que esses jogos não fossem formais, ou

seja, tivessem caráter participativo e não competitivo, nos moldes do “Dia do Basquete”, que ocorre uma vez por semestre no Campus Olímpico. O objetivo era a integração, e também chamar atenção para o esporte universitário.

Apesar da iniciativa hoje ser elogiada e copiada até mesmo fora do estado, a primeira edição dos Jogos da UFRGS acabou decepcionando. No início daquele mês de outubro, a chuva espantou boa parte dos possíveis participantes. A estudante de História Daniela Conte, que ajudou a organizar a atividade, concorda com Barreto em que a cultura do esporte por participação não está disseminada. “Por não ter havido uma competição, foi mais difícil o pessoal enxer-

gar uma finalidade. Se tivéssemos organizado jogos do tipo ‘Engenharia versus Medicina’, por exemplo, teríamos encheido os ginásios”, acrescenta a estudante. Isso, porém, iria

contra a idéia de jogos inclusivos, pois, em uma competição, somente os melhores iriam jogar. Essa situação, segundo o professor, é reflexo da própria realidade esportiva de nosso estado, em que apenas os que se destacam recebem incentivo para continuar jogando.

Bola pra frente – Depois dessa primeira tentativa, Barreto resolveu mudar de estratégia, voltando suas energias para um campo mais conhecido por ele. “Minha área é o esporte formal, monto times para competirem. Pensei numa pirâmide invertida, para chegar ao esporte de participação através do esporte competitivo universitário.”

Conversando com professores da Esef, ele se inteirou dos projetos em andamento e descobriu que enquanto alguns estavam bem encaminhados, outros careciam de melhor estruturação. O tempo de preparação foi escasso: já estávamos em março, e o objetivo era montar equipes competitivas para os JUGs de maio. Foram espalhados cartazes pela universidade, convocando estudantes a entrarem em contato por telefone ou e-mail.

Reunir pessoal para as equipes, porém, foi só o primeiro passo. Em razão das reformas no ginásio esportivo do Campus Olímpico, foi

preciso buscar locais fora da UFRGS para os treinos. Foram obtidos recursos para a compra de alguns equipamentos, como bolas de futebol e de tênis, assim como uniformes para as competições. A universidade pôde ainda financiar a taxa de inscrição. Em campeonatos passados, os participantes dos projetos precisavam cotizar-se para pagar essa taxa. Tudo foi realizado com muito esforço e dedicação. E nada disso foi em vão; pelo contrário, as equipes que ficaram em primeiro lugar nos JUGs, classificaram-se para os Jogos Universitários Brasileiros 2006 e defenderam a UFRGS em Brasília no final de julho.

O incentivo ao esporte universitário competitivo tem rendido a visibilidade necessária para desenvolver outras atividades. Já existem planos para a organização da segunda edição dos Jogos da UFRGS neste semestre, assim como para as demais práticas físicas que visem à qualificação corporal dos estudantes. No entanto, o professor acredita que a universidade não terá condições de, sozinha, arcar com as despesas que o desenvolvimento do projeto irá requisitar. Por isso, está montando, junto com Carlos Alberto Callegaro, professor aposentado da Escola de Administração, um plano de marketing para conseguir recursos de instituições privadas.

Tudo o que se alcançou até agora representa um grande crescimento da prática esportiva na UFRGS, mas a consolidação dessa iniciativa depende em grande parte do interesse da própria comunidade acadêmica. Barreto vê seu trabalho como uma retribuição ao que a universidade fez por ele durante a época em que foi atleta universitário. “O ambiente do esporte é um dos espaços mais saudáveis que existe: é o da amizade, dos cuidados com a saúde, da formação de atitudes e responsabilidades; o esporte é uma escola maravilhosa. E acredito que temos o papel fundamental de recriar um ambiente assim na universidade”, conclui.

Leitores que se identificarem com o projeto do professor Jorge Barreto e quiserem participar de atividades esportivas ou colaborar de alguma forma, podem entrar em contato pelo telefone 3316-5893 ou através do endereço jorge.barreto@ufrgs.br.

Luiz Ricardo Linch, estudante do 7^o semestre de jornalismo da Fabico

Pergunte ao professor ?

Em que e por que muda o curso de Pedagogia?

Enfim, as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Pedagogia! Depois de anos de estudos e debates, chega-se a um acordo para preencher uma das mais importantes lacunas da política educacional no Brasil: as orientações gerais para a formação, em nível superior, de professores para a educação infantil e para os anos iniciais do ensino fundamental.

No último 15 de maio foi publicada a Resolução nº 1/2006, do Conselho Nacional de Educação (CNE), na qual são estabelecidos princípios, objetivos e conteúdos, bem como condições de ensino e de aprendizagem a serem observados pelas instituições de educação superior que oferecem curso de Pedagogia. Já a partir do próximo período letivo, a UFRGS e demais instituições de educação superior devem inaugurar um novo projeto curricular.

São mais de 1.000 cursos de Pedagogia registrados no país, que chegam a cerca de 240.000 matrículas, distribuídas em dezenas de habilitações ou designações distintas, mas poucas delas objetivando a formação inicial de professores de crianças. Estas normas devem ainda atingir os currículos dos cursos denominados de normal superior, que nos últimos dez anos, com menores exigências acadêmico-científicas do que as atuais, vinham se dedicando a esta tarefa.

O curso de graduação em Pedagogia terá a carga horária mínima de 3.200 horas, sendo pelo menos 2.800 dedicadas a atividades formativas, como aulas, seminários, participação em pesquisas, visitas a instituições educacionais e culturais ou atividades práticas diversas. E mais pelo menos 300 horas de estágio supervisionado e 100 horas de aprofundamento teórico-prático em atividades como iniciação científica, extensão ou monitoria.

Os graduados receberão o diploma de licenciado em Pedagogia, ficando habilitados, de forma indissociável, para o exercício da docência na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental, nos cursos de ensino médio, na modalidade normal, e em cursos de educação profissional na área de serviços e apoio escolar, bem como em outras áreas nas quais sejam previstos conhecimentos pedagógicos.

O parecer do CNE que fundamenta a mencionada resolução, também traz as mais atuais perspectivas conceituais e metodológicas da política nacional para a formação de professores, que deverão permear as demais licenciaturas, em direção a mais unidade na qualidade da educação básica, da educação infantil ao ensino médio, compreendendo todas as áreas do conhecimento e funções do magistério.

Maria Beatriz Luce
Professora de Política e Administração da Educação na UFRGS e membro do Conselho Nacional de Educação



FOTOS: FLÁVIO DUTRA

A Guerra

Comportamento Nas sociedades antigas, era vista como uma criação dos deuses; atualmente, uma terrível realidade que desejamos eliminar

acompanha a história da humanidade

Ademar Vargas de Freitas*

Todos sonham com a paz, ninguém quer a guerra. A matança de seres humanos causa tanto horror que mesmo os historiadores se ocupam pouco do assunto. O que é muito grave, segundo o professor Anderson Zalewski Vargas, do Departamento de História e do Programa de Pós-graduação em História do IFCH da UFRGS, autor da palestra “Por que os homens lutam”, que abriu o seminário sobre a guerra, promovido recentemente pelo Centro de Estudantes de História (Chist).

Zalewski destaca a importância do estudo dos fenômenos relativos aos conflitos entre nações e diz que, em geral, quem escreve sobre a guerra são ex-militares, e o tema fica restrito à biblioteca das forças armadas. Ele considera que não basta ser pacifista para eliminar a guerra: antes de mais nada, é preciso entender por que, em determinadas condições, os seres humanos se dispõem a lutar.

“Dentro da compreensão de mundo das sociedades antigas, incluindo a sociedade grega e a romana, a guerra era vista como algo inevitável, fazia parte das atribuições da vida por ser uma criação dos deuses. Atualmente, pela primeira vez na história da humanidade, a vida é considerada o valor máximo, de forma que não aceitamos que seja sacrificada em qualquer sentido.”

De acordo com o professor, ficamos chocados ao assistir ou tomar conhecimento de atos violentos, porque tendemos a ver isso como a manifestação do ser primitivo que temos dentro de nós. Mas o que temos dentro de nós é uma multiplicidade de coisas que vai desde a amizade até a violência mais absurda. Podemos ser tudo isso, dependendo da situação e do que somos como indivíduos.

Jornal da Universidade – Por que os homens lutam?

Anderson Zalewski Vargas – Lutam porque o soberano manda ou porque o estado-nação determina, e faz parte das obrigações do súdito ou do cidadão lutar em defesa da comunidade, ou conquistar, em caso de necessidade. Então, continuamos a ter a obrigação legal de ir à guerra e, portanto, de matar e, se for o caso, morrer. Mas, ver a guerra apenas como resultante da manipulação de governos, é desconsiderar o fato de que – em defesa da pátria, da religião e da civilização – podemos, empolgados, partir para o front.

JU – Existe, no homem, um instinto agressivo?

AZV – Sim, mas agressividade não é a mesma coisa que violência: violência é usar a agressividade com a intenção de causar dano a algo ou a alguém. Alguns neurocientistas afirmam que há uma produção de serotonina responsável pela agressividade humana, mas reconhe-



Gravura retrata cena da Primeira Guerra Mundial

cem que esses ingredientes químico-cerebrais ligados a atos violentos não são autônomos. Não basta sua presença para sermos agressivos e, se necessário, violentos. Isso depende da nossa avaliação das circunstâncias e das nossas características individuais.

JU – Mas, nós não somos potencialmente violentos?

AZV – Sim, e podemos matar, seja privadamente (assassinato) ou de forma institucional (guerra). Só que, atualmente, a capacidade de sermos violentos é muito mais destruidora do que no passado, quando a tecnologia dos armamentos era limitada e não existia a bomba atômica.

JU – Qualquer pessoa é capaz de matar?

AZV – Existe uma variedade muito grande de reações humanas. Há pessoas incapazes de matar, há os capazes de matar em certas situações e há outros que foram ótimos soldados e, portanto, ótimos assassinos. Não podemos desconsiderar que existem valores positivos ligados à atividade guerreira, como a honra e a bravura, e que pessoas são condecoradas por isso.

JU – Os heróis, os que se destacam na guerra...

AZV – Pois é, além de bravura e honra, essas figuras também são símbolos de destruição e morte. Nossos heróis farroupilhas, por exemplo, por que são considerados bravos? Por se comportarem de forma violenta nos campos de batalha. Não fugir, fincar pé e matar o adversário: isso é bravura, isso é heroísmo. Em tempos de paz também fechamos os olhos para aspectos violentos da nossa história. No Brasil, até pouco tempo atrás, éramos escravistas, o que significava que um proprietário de escravos podia matar a pancadas outro ser humano, de sua propriedade, no pátio de sua casa ou na rua. Socialmente, o Brasil continua sendo extremamente violento.

JU – Como os indígenas encaram a guerra?

AZV – Gostamos de imaginar que os indígenas brasileiros, ou os aborígenes australianos, ou os pigmeus, são “bons selvagens”. O que alguns antropólogos dizem é que algumas dessas sociedades são essencialmente violentas. Não porque manifestem a agressividade humana de forma pura e sim porque concebem sua sociedade de forma tão fechada que qualquer estranho à comunidade é considerado primordialmente um inimigo. Em algumas dessas sociedades, quando dois estranhos se encontram, entabulam um lon-

go diálogo, à procura de antepassados em comum ou de relações ancestrais de amizade, o que evitaria a luta.

JU – A população civil sempre sofreu com a guerra?

AZV – No mundo antigo, era direito do vencedor matar os homens e escravizar mulheres e crianças. Mas isso não é uma constante da história. Nas guerras napoleônicas, dificilmente se matavam civis. A população civil tornou-se um alvo estratégico a partir da Primeira Guerra Mundial e da Guerra Civil Espanhola. Guernica foi a primeira grande experiência de destruição de uma cidade e morticínio de civis, graças ao desenvolvimento da aviação militar. Na atual ofensiva israelense contra o Líbano, o bombardeio de áreas não militares tem sido constante.

Sempre houve justificativas para matar: mesmo as sociedades mais pacíficas, em algum momento, podem ser violentas

JU – A guerra pode ser evitada?

AZV – A possibilidade de eliminar a guerra vem sendo pensada desde o século XVIII, quando o mundo ocidental passou a ter uma ideia de progresso, concebida de tal forma que acabariam todas as desventuras e sofrimentos. Imaginou-se que, nessa escala evolutiva, a guerra deveria desaparecer. Mas isso contradiz nossa visão de estado-nação. No Brasil, homens de até 45 anos de idade são considerados cidadãos-soldados e, em caso de guerra, podem ser obrigados a lutar.

JU – Temos instrumentos para alcançar a paz?

AZV – Sim, hoje temos mais instrumentos de obtenção de uma paz duradoura, mas temos também um estado poderoso, os Estados Unidos, capaz de passar por cima das instituições supranacionais e fazer a guerra sem que a ONU possa evitar. Ao contrário do Brasil, os Estados Unidos são uma nação guerreira, com violência potencial desde a formação. Depois da Guerra da Independência, seguiram-se vários conflitos: contra os indígenas, contra a Espanha, contra o México, e a própria Guerra da Secessão, na qual foram utilizadas armas sofisticadas e mortalmente eficazes, como as metralhadoras.

JU – Esse orgulho já está sendo contestado.

AZV – Sim, depois do Vietnã e agora, com as baixas no Iraque, as famílias brancas americanas já não querem mais que seus filhos partam para a guerra, embora se orgulhem do poderio da nação e dos antepassados que lutaram por ela. É por isso que os negros, os pobres e os latino-americanos estão ocupando cada vez mais as fileiras do exército dos Estados Unidos. Aceitam ir à guerra em troca de um plano de saúde, uma vaga na universidade, reconhecimento ou cidadania. Na Guerra do Vietnã, os negros constituíam a maioria dos soldados.

JU – A humanidade tem evoluído na busca da paz?

AZV – Não é possível selecionar de forma segura os elementos que devemos utilizar para fazer uma avaliação que responda se estamos melhor agora do que no passado. Para um iraquiano, um libanês, um palestino ou um israelense que tenha tido sua casa bombardeada, não tem muito sentido dizer-se que agora a vida está melhor.

JU – O mundo está mais violento atualmente?

AZV – Acreditamos viver num mundo muito mais violento do que era em outros tempos. Mas, nas sociedades contemporâneas, a guerra não é inevitável, porque a nossa identidade não depende da eliminação física de terceiros. Nesse aspecto, a sociedade estatal tem instrumentos para acabar com os conflitos, o que não existia nas primeiras sociedades humanas. Ao que parece, assim como podemos ser pessoas pacíficas, também podemos ser pessoas violentas, mas não temos uma maldição interna que nos condene à agressividade e à violência.

JU – O que se pode concluir com o estudo da história?

AZV – A história não existe como um todo unificado. O que eu digo pode ser completamente diferente do que outro colega diz a respeito do mesmo objeto. Alguém pode dizer que o homem está evoluindo e a guerra está terminando, porque não há unanimidade de posições dentro da história. A partir do mesmo conjunto de documentos, podemos dizer coisas diferentes. Isso acontece porque usamos métodos diferentes, porque somos de escolas históricas diferentes ou porque somos indivíduos muito diferentes.

* Colaborou Mateus Silvé, estudante de Jornalismo da Fabico



Zalewski: “É preciso entender por que, em determinadas condições, os seres humanos se dispõem a lutar.”

É difícil controlar o gosto pela matança e pelo massacre

Segundo o professor Zalewski, a guerra pode gerar situações psicológicas que desenvolvem o gosto por matar e, com isso, podem desencadear massacres como o que ocorreu em Malmedy, na França, durante a Segunda Guerra Mundial, contra soldados americanos já rendidos. No julgamento, um dos alemães que participaram da matança contou que ele e seus companheiros começaram a atirar e não conseguiram mais parar.

Algo semelhante aconteceu no Vietnã, quando soldados americanos massacraram a população civil de Mi Lai para vingar companheiros mortos. Eles invadiram a aldeia e mataram homens, mulheres, crianças e animais. “Ao que parece, nesses momentos de extrema tensão, os soldados podem perder a cabeça e atirar em tudo o que virem pela frente”, diz o professor.

Ele cita um historiador grego que viveu no século V a.C. e escreveu a história da guerra entre Atenas e Esparta, com seus respectivos aliados. Tucídides descreve o massacre da população de uma pequena cidade chamada Micalessos, no norte da Grécia. A mortandade foi provocada por uma tropa de mercenários que, depois de ter sido dispensada pelos atenienses, estava sendo levada de volta à Trácia. Eles caíram sobre essa cidadezinha, que nem muralha tinha, e mataram homens, mulheres, crianças e animais. Algumas crianças foram atacadas quando saíam da escola.

Zalewski vai mais fundo, lembrando que a Bíblia está cheia de relatos desse tipo. “No livro de Josué, que conta a entrada dos hebreus em Canaã, é o próprio Javé que manda exterminar todos os seres vivos encontrados com o inimigo, inclusive crianças e animais.” E conclui: “Não é à toa que Javé era chamado de Senhor dos Exércitos. Tanto podia ser misericordioso quanto violento, até mesmo contra o povo hebreu, quando este não se comportava de maneira adequada. O próprio dilúvio bíblico, descrito anteriormente na epopéia de Gilgamesh, relata o extermínio de toda a humanidade, com exceção de uma família”.



À direita, alto relevo do Egito antigo. No centro, foto dos preparativos para o Dia D, a invasão da Normandia pelos aliados durante a Segunda Guerra Mundial. Abaixo, à esquerda, cena de combate durante a Guerra de Secessão americana. Abaixo, à direita, iluminura medieval mostra combate durante a Terceira Cruzada.

Somos capazes de praticar atos que condenamos nos outros

Os palestinos que se explodem ou praticam atentados estão se matando por um estado nacional. Antes da criação de Israel, os judeus também fizeram o que chamamos contemporaneamente de terrorismo. Em suas memórias, o marechal inglês Bernard Montgomery – que, na Segunda Guerra Mundial, comandou o exército britânico na batalha de El Alamein, no Egito, e depois ficou responsável pela autoridade britânica na Palestina – conta que os israelenses explodiram bombas em hotéis.

“Não chegavam a se explodir, mas matavam pessoas inocentes”, diz Zalewski. Por quê? Porque queriam um estado: eram um povo, uma cultura, tinham o holocausto por trás de si, então, cometeram atos de violência do tipo que hoje lamentam serem as vítimas. O mais desagradável desses atos extremos de violência é que eles são humanamente compreensíveis. Podemos achar absurdo, mas, em determinada situação – dependendo de nós, individualmente – poderíamos praticar os mesmos atos de violência que agora execramos nos outros.



Nos livros, os horrores da guerra

Sobre a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), existe um livro famoso – “Nada de novo no front” (1929) – que Hitler mandou queimar em 1933. Seu autor, o alemão Erich Maria Remarque, denuncia os professores como responsáveis pela criação de um forte sentimento nacional, o que levou os alemães, assim como boa parte dos europeus, a lutarem pela nação, pela família e por Deus.

Tanto Remarque quanto Hitler estiveram na guerra de trincheiras, viram corpos despedaçados, sofreram com os ratos e amargaram a derrota. Mas Remarque questionou o conflito e os ideais que o levaram a lutar, juntamente com seus colegas de aula, tornando-se um pacifista. Enquanto Hitler e outros alemães só esperavam a oportunidade de partir para uma nova guerra, de vingança.

No livro “Matadouro 5”, o escritor americano de origem alemã Kurt Vonnegut relata que era prisioneiro em Dresden, quando essa cidade alemã foi bombardeada e destruída pelos aliados. Ele sobreviveu ao bombardeio por se encontrar preso e, ao deixar o “matadouro” que lhe serviu de abrigo, testemunhou o suplício de algumas meninas que se esconderam dentro de uma caixa d’água que acabou sendo incendiada.

Vonnegut se perguntou que guerra estranha era aquela em que, pela última vez, se teve a impressão de lutar por uma causa santa. O escritor também relata que, à noite, após o bombardeio, andava com uma vela acesa, que bem poderia ter sido feita com a gordura de seres humanos mortos pelos pais ou tios daquelas meninas que tinham sido cozidas vivas.



Mulheres podem ser tão violentas quanto os homens

É comum ouvir que as mulheres são mais cordatas e menos violentas que os homens, mas o professor Zalewski não acredita que isso seja uma tendência natural. Ele diz que as mulheres parecem menos violentas porque a sociedade as destinou às tarefas domésticas. O que não impede que, eventualmente, sejam violentas, que matem o marido, que matem os filhos, inclusive no próprio ventre. Um exemplo disso foi exposto por Eurípedes, em “Medéia”, que mata os filhos para se vingar da traição do amante. “O fato é que as mulheres podem ser tão violentas quanto os homens: é só educá-las adequadamente”, diz o professor. Ele evoca a tradição afegã de incumbir as mulheres de despedaçar os soldados inimigos feridos. E diz que algumas sociedades indígenas também reservam às mulheres atitudes violentas em relação aos prisioneiros. Entre os soldados americanos que torturaram iraquianos na prisão de Abu Ghraib, também havia mulheres. “Hoje em dia, as mulheres lutam no exército americano, temos mulheres nas forças armadas brasileiras, e no Rio Grande do Sul há mulheres brigadianas.”

Quem declara guerra não vai aos campos de batalha

Nas cidades-estados gregas, comunidades relativamente pequenas, as pessoas que decidiam pela guerra eram as mesmas que lutariam depois. Atualmente, quem decide pela guerra não vai lutar, nem manda seus filhos para o campo de batalha. Pode existir um descompasso entre os líderes que declaram a guerra e a vontade da população. Por isso, suspeita-se que a lógica que governa as decisões dos líderes é estranha aos interesses dos governados.

Mas, muitos americanos tiveram uma visão tão positiva da Segunda Guerra Mundial que aceitaram lutar também na Guerra da Coreia e incentivaram os filhos e netos a irem para a Guerra do Vietnã, exibindo com orgulho as fotos dos antepassados guerreiros. “Isso não é genético, senão não haveria americanos que se mostrassem contra a guerra ou denunciassem os excessos”, diz o professor Zalewski. “Ao que parece, é uma questão cultural. Não há nenhuma evidência genética de que estejamos condenados à violência, embora possamos ser violentos ao extremo.”

Talvez pela primeira vez na história da humanidade, a vida seja o valor máximo, de forma que não aceitamos que possa ser sacrificada em qualquer sentido. Mas isso é um problema: ao longo dos tempos, as sociedades humanas reconheceram que, em certas situações, a vida pode ser sacrificada. É característica original da democracia que o cidadão, se necessário, deve lutar. Pela cidade, no caso do período greco-romano, e atualmente pelo estado-nação.

“A paz queremos com fervor, a guerra só nos causa dor, porém se a pátria amada for, um dia, ultrajada, lutaremos com valor.”
(Hino do Soldado)





Velhos conflitos, novas contradições

Oriente Médio Bombardeio do Líbano por Israel retoma o conceito bíblico: olho por olho, dente por dente

Paulo Fagundes Vizentini*

A recente escalada de violência na faixa de Gaza e no sul do Líbano, apesar da aparência semelhante a anteriores confrontos armados envolvendo os mesmos atores políticos e do velho discurso de “destruir o outro”, possui um conteúdo diferente. Desta vez, a iniciativa não foi de Israel, que foi provocado e reagiu, como de costume, da forma que os provocadores esperavam, dentro de uma perspectiva não racional, inspirada no Antigo Testamento: “olho por olho, dente por dente” (no caso da resposta, muitos dentes). O Líbano, recém reconstruído, voltou a cobrir-se de ruínas em sua metade sul.

Trata-se de dois fenômenos distintos, mas interligados, a ação do Hamas (partido que lidera o novo governo Palestino) em Gaza e a do Hezbollah (Partido de Deus) no Líbano. No primeiro caso, temos a entrada em cena de um novo tipo de ator político, que altera as variáveis da atual estratégia unilateral do Estado hebreu para solucionar a questão palestina. No segundo, configura-se o envolvimento de atores regionais como a Síria e o Irã, que o presidente George W. Bush enquadrava no chamado *Eixo do Mal* sobre os quais exerce forte pressão, com ameaças explícitas.

O elemento novo encontra-se vinculado ao impacto do fim da Guerra Fria nos alinhamentos regionais (que se tornaram menos definidos) e no perfil dos conflitos (que passam a opor especialmente exércitos regulares a movimentos políticos não estatais), como teorizou a acadêmica Birthe Hansen em seu livro *Unipolarity and the Middle East* (Richmond/UK, Curzon Press, 2000). O desaparecimento da ameaça soviética e das potências regionais (modernizadoras e militarizadas), contrárias ao *status quo* regional articulado pelo Ocidente, alterou o sentido estratégico dos conflitos do Oriente Médio e, conseqüentemente, as alianças. Por exemplo, para a derrota e o isolamento do Iraque em 1991 os Estados Unidos contaram com o apoio da Síria, que participou da aliança internacional anti-iraquiana, enquanto Teerã, sob a presidência do liberal Katami, passou a negociar a normalização com Washington, especialmente durante a gestão Clinton.

Mudanças surpreendentes – A relativa perda da importância estratégica por parte de Israel, devido ao desaparecimento de ameaças militares convencionais (derrota do Iraque, fim da URSS e enfraquecimento de seus ex-aliados), produziu condições para as nego-



Prédio bombardeado em Beirute, capital libanesa, é mais uma cicatriz da guerra

BEIJO CONTE

ciações de paz de Madri e para a assinatura do Acordo de Oslo (1993 e 1995) entre o governo trabalhista de Tel Aviv e a OLP, com vistas à implantação da Autoridade Nacional Palestina (ANP), o núcleo de um futuro Estado palestino a ser implantado nos territórios ocupados. Além disso, o *hinterland* (espaço geopolítico) regional se ampliou à Ásia Central e ao Cáucaso ex-soviéticos, abrindo espaço para atuação de potências regionais com uma agenda própria, como a Turquia e a Arábia Saudita, diluindo a centralidade da confrontação Israel-Palestina. Posteriormente, a competição global pelo petróleo e a política de combate ao terrorismo introduziram novos complicadores.

Mas a visão de curto prazo do partido conservador Likud, que ascendeu ao poder em Israel, e os erros de cálculo de Arafat, inviabilizaram o processo de paz, o que foi facilitado pela vacilação da presidência de Bush face às iniciativas deste partido. A resposta palestina foi uma nova *intifada* (revolta das pedras), seguida da reocupação de territórios da ANP pelo exército israelense e de uma onda de atentados suicidas em Israel. A construção do muro e a morte de Arafat pareceram reverter a situação e levaram Sharon a iniciar uma retirada unilateral de Gaza, cuja ocupação e colonização eram largamente contraproducentes. Além disso, as dificuldades de Bush no

Iraque exigiam algum tipo de concessão aos árabes.

Por incrível que pareça, o governo de Israel e muitos analistas se surpreenderam com a vitória eleitoral do Hamas e o grave enfraquecimento da OLP, especialmente em Gaza. O clientelismo e autoritarismo da OLP e o fracasso das negociações de paz fizeram o Hamas popular, com suas políticas sociais financiadas pelas petromonarquias e a corajosa confrontação com os ocupantes. A reação de Israel, onde o enfermo Sharon foi substituído pelo discreto Olmert, foi buscar isolar o governo do Hamas (que é forte em Ga-

O desaparecimento das potências regionais alterou o sentido estratégico dos conflitos

za e menos na Cisjordânia), o qual luta para se legitimar internacionalmente e manter o fluxo de ajuda enviada pelos países ricos.

Neste contexto foi lançada a surpreendentemente bem organizada ação militar, com a construção de um túnel na fronteira da faixa de Gaza, que resultou na captura de um soldado israelense, enquanto o alcance dos foguetes artesanais lançados contra Israel era ampliado. Além da desmedida (e pouco eficiente) reação de Israel ser previsível e colocar o Hamas numa posição de interlocutor internacionalmente indispensável para qualquer solução, o primeiro ministro israelense, que não é oriundo do *staff* militar, necessita demonstrar à sociedade daquele país que sua estratégia de paz é segura. Da mesma forma, numa ação igualmente surpreendente e inesperada, o Hezbollah entrou em Israel, matou oito soldados e capturou dois, gerando uma forte reação por parte da já desafiada liderança de Olmert.

Jogo perigoso – Os bombardeios

ao Líbano tiveram duas desagradáveis conseqüências para os israelenses, que já sofreram sérias perdas no país nos anos 1980. Por um lado, a “nação dos cedros” estava repleta de turistas de todo o mundo, devido às férias no hemisfério norte, o que gerou uma onda mundial de indignação. A Síria, que havia abandonado o país envolvido no assassinato de um rival político muito popular, deixou de ser alvo do ressentimento libanês, que se voltou contra Israel. Além disso, uma fragata e um avião israelenses foram alvejados, além dos foguetes do Hezbollah atingirem as grandes cidades do norte de Israel, o que é inédito e tem conseqüências imprevisíveis, pois a sociedade desconhecia este tipo de ataques, os quais causaram dezenas de mortes, várias delas de árabes israelenses. A eficiência militar do movimento e o *upgrade* tecnológico de seu armamento geram uma situação complexa, pois Israel tem um exército regular e seu adversário é uma milícia que se transforma em guerrilha. Além disso, apesar de criado com apoio sírio e iraniano, o Hezbollah possui força própria e também está em jogo o poder interno do Líbano. Neste sentido, uma política do tipo terra arrasada pode ser contraproducente, reforçando politicamente a milícia xiita.

Obviamente a Síria e o Irã estão apoiando o Hezbollah, num jogo perigoso, mas calculado. Fora do Líbano, que não é um Estado politicamente integrado, a Síria perde seu único trunfo para negociar a devolução das colinas de Golã, ocupadas por Israel, além de ter seu regime ameaçado. Já o Irã, que é o pivô da região desde a ocupação do Iraque, está ameaçado pela comunidade internacional devido ao seu programa de enriquecimento de urânio. Assim, o presidente Ahmadinejad necessita de uma moeda de troca no plano internacional, bem como consolidar seu governo, que se apóia numa base social de despossuídos, sem apoio dos liberais e com pouco respaldo dos declinantes aiolás tradicionais. Por fim, a ação do

Hezbollah representa também uma tentativa deste organizado e popular partido de ampliar seu poder no Líbano.

Como ficou claro durante a reunião do G-8, nenhuma das grandes potências apóia uma escalada da confrontação, nem mesmo a Rússia, aliada do Irã, e Israel hesita em desencadear uma grande ofensiva terrestre. Os EUA buscam dar tempo a Israel para completar sua retaliação, mas insistem numa força de paz sólida, que Israel prefere que seja da OTAN, para controlar o sul do Líbano. Já outros países acreditam que a tarefa cabe à ONU, mas esta acaba de ter um posto de observação destruído por ataque israelense, num sinal inequívoco, que provocou forte reação do secretário-geral Kofi Annan. Sabe-se que a definição da situação libanesa como catástrofe humanitária irritou profundamente o governo israelense. Contudo, mesmo extremamente violento, o conflito segue sendo militarmente localizado, embora com ramificações políticas mais distantes.

Curiosamente, Israel está sendo desafiado por razões que pouco têm a ver com ele próprio (no caso do Líbano), num jogo destinado a fazê-lo influenciar os Estados Unidos a não se lançarem em novas ofensivas na região, contra países como Síria e Irã. Daí o ministro da defesa israelense ter declarado que não pretende atacar a Síria. Suprema ironia, mais que os três soldados capturados, é o Estado de Israel que se encontra refém do confronto dos EUA com os prepostos das potências eurásianas. A verdadeira guerra planetária em curso pelo controle das jazidas de petróleo e, oficialmente, contra o terrorismo, que leva Washington a se envolver diretamente nesta complicada parte do mundo e em outros continentes, está criando novas contradições e conflitos, com as vítimas de sempre.

* Professor titular de Relações Internacionais da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS



ARTE: JULIANO BRUNI PEREIRA

**Medicina**

Pesquisadora da UFRGS defende a criação de bancos aos quais todos possam ter acesso gratuito

Patrícia Pranke*

Os bancos de sangue de cordão umbilical têm sido notícia constante, e ultimamente crescem nos meios de comunicação os anúncios de empresas privadas que se dedicam a esse novo e lucrativo negócio. Por isso, é muito importante que a comunidade científica se manifeste sobre tal assunto e que informações adequadas cheguem à sociedade de forma clara, pois a informação é um direito universal.

Claro que podemos armazenar o sangue de cordão umbilical para uso exclusivo de nossos filhos em bancos privados, pois vivemos em uma democracia na qual cada indivíduo tem o direito de fazer o que lhe for mais conveniente. Porém, é também direito do cidadão que está pagando (caro) por esse serviço ter acesso a todas as informações sobre o tema para poder fazer sua opção de forma consciente.

O que preocupa é a “venda” da idéia de que é muito importante para o futuro da criança ter esse sangue congelado, aterrorizando os pais que não optaram por esse procedimento, como se estivessem deixando de oferecer um futuro seguro para seus filhos. Por isso, alguns aspectos precisam ser esclarecidos.

Armazenamento não é garantia

Na maioria das vezes, usar o sangue de cordão umbilical da própria criança não é aconselhável, porque as principais doenças nas quais se utiliza esse tipo de material são leucemias ou doenças genéticas. Nestes casos, é muito melhor recorrer ao sangue doado por outra pessoa, desde que compatível, pois o que foi extraído do paciente não serviria para tratar a doença.

Segundo estudos científicos, a probabilidade de alguém necessitar de um transplante de células-tronco usando o seu próprio sangue de cordão é de aproximadamente uma para 20 mil, durante os primeiros 20 anos de vida. Depois dessa idade, a probabilidade torna-se ainda menor, devido ao volume de material necessário. Na fase adulta, a quantidade de sangue deve ser maior para que tenhamos células-tronco suficientes.

A questão é: aquela quantidade armazenada no banco privado quando do nascimento do bebê será suficiente até que idade? Geralmente, adultos podem se beneficiar com um volume médio de 70ml. Porém, se houver necessidade de mais células, os bancos privados não irão resolver o problema, uma vez que só foi armazenado o volume coletado no nascimento. Além disso, mesmo que a quantidade dis-

Bancos de sangue de cordão umbilical têm de ser públicos



Ricos e pobres podem usufruir do material doado para um banco público

REPRODUÇÃO

ponível no banco privado seja suficiente, ninguém garante que aquele material poderá ser usado 20, 30 ou 40 anos mais tarde.

No futuro, possivelmente problemas que afligem indivíduos em idade adulta como, acidente vascular cerebral (AVC), Parkinson e Alzheimer serão tratados com transplantes de células-tronco da medula óssea do próprio paciente. Então, qual a vantagem de pagar pelo armazenamento do sangue de cordão de um recém-nascido?

Segundo dados divulgados em relatório do Comitê de Ética Europeu, até 2003 haviam sido realizados em todo o mundo mais de 6.000 transplantes com sangue de cordão umbilical de bancos públicos, sendo que destes apenas cinco casos empregaram o sangue da própria criança. Aparentemente estes pacientes não apresentaram vantagens em ter usado o seu próprio cordão.

Conceito dos bancos públicos

Nos Estados Unidos, Japão, Austrália e em vários países da Europa existem bancos públicos de sangue de cordão umbilical nos quais não há qualquer custo para a doação e o armazenamento. Ao ser doado, o material passa a ser público e, de-

pois da realização de inúmeros testes laboratoriais, fica armazenado para que qualquer um possa utilizá-lo. O próprio doador poderá fazê-lo, se houver indicação clínica. No entanto, não terá direito de exigir a amostra doada.

Devemos entender um banco público de sangue de cordão umbilical como um hemocentro. Se alguém sofre um acidente hoje, não precisaria ter guardado o seu próprio sangue alguns dias antes para que possa fazer uma transfusão, uma vez que poderá utilizar o sangue doado por outra pessoa. E é exatamente neste ponto que está o fundamento de um banco público de células-tronco de sangue de cordão umbilical.

No Japão, a maioria dos transplantes de células-tronco (o antigo transplante de medula óssea) utiliza sangue de cordão umbilical proveniente dos bancos públicos daquele país, porque ele apresenta inúmeras vantagens.

Em primeiro lugar, há uma oferta ilimitada, já que bebês nascem todos os dias, e suas placentas e cordões umbilicais são descartados. Também há disponibilidade imediata das amostras de sangue, que estão armazenadas e prontas para o uso nos bancos de sangue de cordão. Enquanto a espera por um doador de medula pode durar vários meses, o sangue de cordão está disponível em alguns dias.

Um banco público também permite a extensão do *pool* de doadores, uma vez que não há necessidade de 100% de compatibilidade, como é o caso dos transplantes que utilizam medula óssea. Isso se deve ao fato de que as células-tronco do sangue de cordão umbilical são mais imaturas imunologicamente, provocando muito menor rejeição que as mesmas células extraídas da me-

dula óssea. Esse é o principal motivo científico pelo qual nós, do Instituto de Pesquisa com Células-tronco do Rio Grande do Sul, e todos os profissionais que trabalham com bancos de cordão ao redor do mundo acreditamos na construção de bancos públicos.

Por outro lado, há um risco reduzido da transmissão de infecções por se tratar de um recém-nascido. Para garantir segurança total a quem venha a receber a doação, o sangue da mãe é coletado no momento do parto e são realizados todos os exames para investigar a presença de vírus ou microrganismos. O sangue é liberado para uso seis

Bancos de sangue de cordão devem funcionar como hemocentros

meses após o parto, quando todos os exames são repetidos e, se algum apresentar resultado positivo, a amostra é imediatamente descartada e incinerada.

Finalmente, os bancos públicos têm maior probabilidade de ter amostras de sangue raras, já que deverão armazenar sangue de todos os tipos e etnias da comunidade onde estão localizados. Estimativas estatísticas indicam que no Rio Grande do Sul, por exemplo, quando um banco público dispuser de 4 a 5 mil amostras armazenadas, praticamente toda a nossa população poderia encontrar um doador compatível. Se fosse medula óssea, pela obrigatoriedade de compatibilidade total, seriam necessárias ao redor de 20 mil amostras para encontrarmos um

doador compatível.

Outro fator importante é que não existe a necessidade de todas as mães doarem o sangue de cordão de seus filhos, pois com uma quantidade de amostras armazenadas como a mencionada anteriormente, será possível ter uma variabilidade genética que atenda toda a população.

Por considerar que estava havendo propaganda exagerada em relação à real necessidade do armazenamento autólogo (para uso próprio) do sangue de cordão, em março de 2004, o Comitê de Ética Europeu divulgou o relatório “Opinion of the European Group on Ethics in Science and New Technologies to the European Commission”, e países como Itália, Bélgica e França decidiram proibir o estabelecimento de bancos privados de sangue de cordão umbilical.

Quando uma pessoa recebe todas essas informações e assim mesmo decide armazenar o sangue para uso privado está exercendo um direito que lhe cabe. A questão é que os serviços privados têm obrigação de passar essas informações ao público. Se não o fazem é porque, provavelmente, sua clientela sofreria uma drástica redução e o “negócio” deixaria de ser lucrativo. Por outro lado, pobres e ricos podem se beneficiar com os bancos públicos já existentes no mundo e com os que ainda serão construídos. Trabalhe para que em nosso estado esse dia não tarde.

* Professora de Hematologia da Faculdade de Farmácia e da Pós-graduação em Ciências Médicas da Faculdade de Medicina e fundadora-presidente do Instituto de Pesquisa com Células-tronco

País já tem rede de bancos públicos

Criada em 29 de setembro de 2004, através da portaria n°. 2.381/GM, a Rede Nacional de Bancos Públicos de Sangue de Cordão Umbilical e Placentário para Transplante de Células-tronco é formada pelos bancos de sangue de cordão umbilical e placentário já existentes e em operação no Instituto Nacional do Câncer, no

Rio de Janeiro, e no Hospital Israelita Albert Einstein, em São Paulo, e pelos demais que vierem a ser implantados, com base nas necessidades epidemiológicas, na diversidade étnica e genética da população brasileira e segundo critérios a serem estabelecidos pelo Ministério da Saúde.

Fonte: www.anvisa.gov.br



A vida de Protasio Alves Médico, político e fundador

Maria do Carmo Campos*

Há indivíduos cujo perfil humano e cuja ação social tendem a reverter na história, destinados a atravessar os tempos e ingressar em novos contextos. Todavia, alguns nomes permanecem por algum tempo adormecidos, como se a colheita pela sociedade dos frutos semeados já lhes fosse, por si só, a mais justa recompensa.

Protasio Antonio Alves nasceu no município de Rio Pardo, em março de 1859, sendo filho e neto de boticários. Diplomou-se pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, como o mais moço da sua turma. Obteve o grau de doutor em 1882, com a tese *Paralelo entre a divulsão e a ureitromia interna*, aprovada com louvor. De 1877 a 1882, viveu no Rio de Janeiro imperial, engajando-se, como estudante, na propaganda republicana. Enquanto preparava sua viagem à Europa, retorna por alguns meses ao Rio Grande do Sul, até embarcar rumo a Viena, Paris e Berlim, grandes centros culturais, científicos e artísticos, onde vai buscar o seu aperfeiçoamento médico e humano. Entre 1883 e 1885, o jovem Protasio aprimora a sua formação na Europa em contato com médicos e cirurgiões renomados, entre os quais Theodor Billroth, ao mesmo tempo em que usufrui da efervescência cultural e artística, sobretudo na Viena de Freud, Mahler, Klimt e tantos outros. De volta a Porto Alegre, abre consultório em dezembro de 1885, iniciando sua profícua carreira de médico, especializado em cirurgia, obstetrícia, urologia e vias urinárias, que exerce em paralelo a uma atividade política crescente e ininterrupta.

Liderança sem limites – Em 1898, Protasio Alves lidera a fundação da Faculdade de Medicina e Farmácia de Porto Alegre, a terceira do Brasil, dando origem à Faculdade de Medicina da UFRGS. O projeto de fundir o Curso de Partos – por ele anteriormente fundado na Santa Casa de Misericórdia – com a Faculdade de Farmácia era bastante ousado no final do século XIX, se considerarmos o modesto ambiente da cidade e o governo de orientação positivista, que pregava o livre exercício da profissão. A imprensa assinalou a data de 25 de julho de 1898 com “Fogos de bengala no céu de Porto Alegre”, e a celebração não foi só da população, mas também dos alunos da

“Não me deixo influenciar por obras escritas sobre a organização de outros países, medito sobre a história contemporânea do nosso.”

Farmácia, que se dirigiram às residências de Alfredo Leal e de Protasio Alves para exaltar a concretização da Faculdade. O fundador foi eleito primeiro diretor, depois reeleito até 1907, sendo responsável também pela cátedra de Anatomia e Fisiologia Obstétrica.

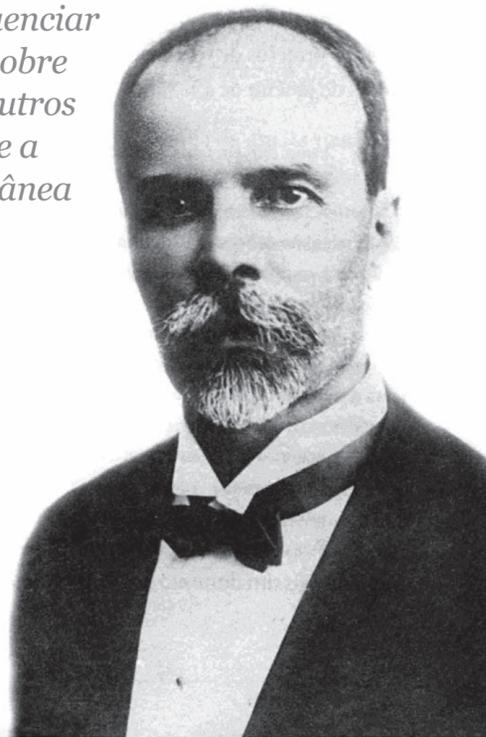
O raio das ações de Protasio Alves, de acordo com a amplitude da sua formação e com a curiosidade do seu espírito, multiplica-se por diferentes campos: além da ciência médica, o ensino superior, a política republicana, o sistema educacional no Rio Grande do Sul e a saúde pública, com formulação de diretrizes e atuação direta no saneamento de diferentes epidemias ameaçadoras nos finais do século XIX e primeiras décadas do século XX, como varíola, peste bubônica, febre amarela e gripe espanhola. Nos arquivos públicos, encontra-se razoável documentação a respeito, incluindo correspondência com Borges de Medeiros e com autoridades sanitárias e portuárias da cidade de Rio Grande, em cujo porto, no início do século XX, deviam ser eliminados os ratos que chegavam nos navios, antes que a peste se alastrasse mais

Humanista lúcido, foi pioneiro na sua visão progressista e republicana

pelo Rio Grande do Sul. Tais medidas, de necessidade imperiosa e que encontravam não poucos obstáculos, ocorriam por deliberação da Diretoria da Higiene sob a chefia e responsabilidade do fundador da Faculdade de Medicina.

Dedicação à saúde e à educação – A sua atuação política concentra-se nos domínios da saúde (Higiene Pública) e da educação (Instrução Pública), com os quais esteve profundamente envolvido ao longo de sua intensa vida pública.

O registro de suas inúmeras funções e cargos é bastante diversificado: sub-delegado de Polícia do 3º Distrito de Porto Alegre; deputado à Primeira Constituinte; presidente da Assembléia Legislativa do RS (1893-1896); diretor da Higiene Pública do Estado, por dois períodos; presidente da Sociedade de Medicina de Porto Alegre, eleito em 18 de setembro de 1890; tenente-coronel-cirurgião da Divisão do Comando Superior da Guarda Nacional no Rio Grande do Sul; secretário de Estado dos Negócios do Interior e



do Exterior (1907-1928); vice-presidente da Seção 4 do Congresso Médico Latino-americano no Rio de Janeiro, 1909; secretário de Obras Públicas (1916-1917); diretor-geral da Instrução Pública do Rio Grande do Sul; vice-presidente do Estado do Rio Grande do Sul (1918-1928); professor honorário da Faculdade de Medicina de Porto Alegre (1921); sócio-fundador do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul (1920); sócio-honorário do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul (1920-1933); presidente da Comissão Organizadora do IX Congresso Médico Brasileiro, em Porto Alegre (1926).

A dedicação de Protasio Alves, como secretário do Interior e Exterior, à causa da educação básica no Rio Grande do Sul consagrou-o ao olhar de muitos dos seus contemporâneos. E o cirurgião que realizou a primeira cesariana em Porto Alegre, numa mesa de cozinha no bairro Menino Deus, desenvolveu ainda um estudo detalhado (pesquisa de campo e pesquisa teórica) sobre a questão dos limites geográficos entre Rio Grande do Sul e Santa Catarina, formalizado como relatório enviado em 1920, ao presidente Borges de Medeiros.

Humanista lúcido e cultivado, homem público de orientação positivista, Protasio Alves foi pioneiro na sua visão progressista e republicana. Adepto do progresso e amante da natureza, empenhou-se ainda nos processos de urbanização e arborização em Porto Alegre. Até o fim de sua vida preocupou-se com a medicina, com a educação, com a natureza, com os rumos da política e com as obras de benemerência que sempre praticou. De espírito avesso a homenagens e *benesses* dos seus contemporâneos, o Dr. Protasio escreveu que o legado da vida de um homem só pode ser medido muitos anos depois da sua morte. O seu nome veio a designar, posteriormente, uma grande avenida em Porto Alegre, um colégio estadual, um bairro e um pequeno município na região da serra gaúcha.

* Professora do Programa de Pós-graduação em Letras

Resenhas

Por Caroline da Silva

Educação em destaque

A Editora da UFRGS está lançando mais uma série temática que visa a estimular o debate sobre a natureza, a complexidade e as relações entre a política, a educação e o ensino, em âmbito local, nacional ou mundial. A série Política e Gestão da Educação possibilita a publicação de monografias, dissertações, teses e coletâneas resultantes da pesquisa acadêmico-científica, que fundamentem a formação docente e complementem a gestão institucional e as políticas públicas de educação. Nesse sentido, as obras desta coleção implicam o conhecimento da realidade, com a observação das experiências, dos condicionantes e dos efeitos dos processos educacionais em diferentes conjunturas, da educação básica à superior e até nas ações educativas não-escolares. Os cinco primeiros volumes desta série, que tem a coordenação editorial da professora da Faculdade de Educação, Maria Beatriz Luce, já estão disponíveis nas Livrarias da UFRGS.



GESTÃO ESCOLAR DEMOCRÁTICA: CONCEPÇÕES E VIVÊNCIAS
Ed. UFRGS, 2006, 173 p., R\$ 19,20*, organizado por Maria Beatriz Luce e Isabel Letícia Pedrosa de Medeiros



A POLÍTICA DE FINANCIAMENTO DA EDUCAÇÃO BÁSICA: RUMOS DA LEGISLAÇÃO BRASILEIRA
Ed. UFRGS, 2006, 339 p., R\$ 36*, de Nalú Farenzena



DILEMAS DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA EM TEMPOS DE GLOBALIZAÇÃO NEOLIBERAL: ENTRE O PÚBLICO E O PRIVADO
Ed. UFRGS, 2006, 231 p., R\$ 24*, organizado por Vera Maria Vidal Peroni, Vera Lúcia Bazzo e Ludimar Pegoraro



ENTRE A FORMAÇÃO E O TRABALHO: TRAJETÓRIAS E IDENTIDADES PROFISSIONAIS
Ed. UFRGS, 2006, 166 p., R\$ 17,60*, de Naira Lisboa Franzoi



A CAMPANHA DE ALFABETIZAÇÃO EM CUBA
Ed. UFRGS, 2006, 106 p., R\$ 14,40*, de Vera Maria Vidal Peroni

*Preços já com o desconto de 20% oferecido nas Livrarias da UFRGS



O sobrado onde Protasio viveu em Porto Alegre, localizado na Rua Duque de Caxias

A imortalidade de Mario Quintana

Literatura

Como o poeta se tornou imortal mesmo sem o fardão bordado a ouro

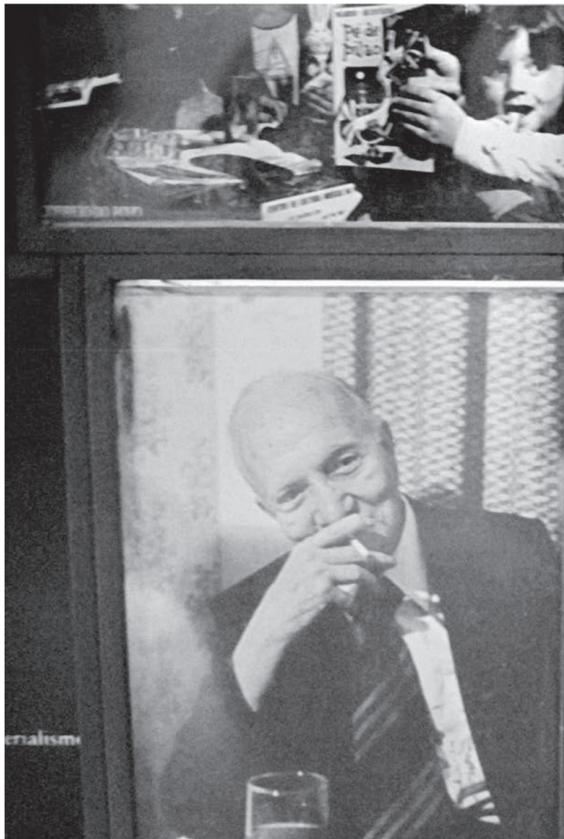
Marcelo Spalding

Tal qual Pedro com Cristo, a Academia Brasileira de Letras negou Mario Quintana três vezes. Mais tarde foi a vez do poeta recusar até mesmo a candidatura, de certo já ciente de que não seria preciso o fardão bordado a ouro para se tornar um imortal, ele mesmo traçara seu destino: passarinho. De fato, hoje, cem anos depois do nascimento, doze depois da morte, há poucos poetas no Rio Grande do Sul tão vivos quanto Mario Quintana. Quintana vive no centro da cidade em um prédio imponente e fervilhante, Quintana permanece nas vitrines e prateleiras das livrarias de todo país, Quintana provoca acadêmicos e é tema de congressos, Quintana respira como personagem da cidade, renasce em cada novo poeta que carrega sua leitura e lembra seus traços. A seguir, ao invés de uma biografia do homem que completaria 100 anos no dia 30 de julho, ou de mais um depoimento apaixonado de leitores, veremos como e por que o poeta se tornou imortal mesmo sem o fardão bordado a ouro.

O personagem – Eis o homem: Mario Miranda Quintana nasce em 30 de julho de 1906 em Alegrete e muda-se para a capital em 1919 para estudar como interno no Colégio Militar. Aos 18 anos começa a trabalhar como “desempacotador de livros estrangeiros” na Livraria e Editora Globo, mas acaba voltando para sua cidade, onde trabalha na farmácia da família sob os olhares severos de seu Celso, decepcionado com o fracasso do filho nos estudos. Só em 1929, após a morte dos pais, volta para Porto Alegre e começa a trabalhar em um jornal, *O Estado do Rio Grande*. Mas o jornal seria fechado por intervenção de Flores da Cunha e, pressionado pela necessidade, Quintana traduz para a já forte Editora Globo o livro de contos *Palavras e sangue*, de Giovanni Papini. Isso foi em 1934, e novas traduções – de Virgínia Woolf, Joseph Conrad e outros – viriam antes de seu primeiro livro, em 1940, *Rua dos Cataventos*.

Se seguíssemos adiante na biografia do poeta, encontraríamos um profícuo jornalista e tradutor, um boêmio marcado pelo alcoolismo, um homem atormentado e solitário que seria reconhecido nos anos 60, ainda que fora do Rio Grande do Sul houvesse dificuldade em admiti-lo ao lado de nomes como Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meireles e Murilo Mendes. Mas em tempos de centenário muito se falará da vida do homem, fiquemos aqui com a personagem, que começa a surgir com sua consagração ainda em vida, nos anos 80.

Em recente biografia publicada por ocasião do centenário do autor, *Mario Quintana: uma vida para a poesia* (WS Editor, 2006), Luís Augusto e Sérgio Luís Fischer concluem a história do poeta lembrando que “em seus últimos anos,



SIMONE PASHIN

figura amplamente consagrada na cidade, grudou-se nele, por obra da mídia e por efeito de sua própria obra, a imagem de um velho sábio, espécie de parente mais velho de seu próprio personagem, o anjo Malaquias. Por isso não fica difícil saber por que a imagem que ficou dele, na impressão difusa da chamada opinião pública, foi essa, e não a do atormentado homem, que ele também foi”.

Algumas histórias de poetas contemporâneos ilustram bem essa imagem de personagem que o poeta adquiriu em seus últimos anos de vida. Jaime Vaz Brasil jamais esqueceu a única vez que viu Quintana pessoalmente. “Cruzei com ele uma vez, em calçadas opostas”, conta o autor de *Olhos de Borges*, “ele com a sacolinha vindo; eu, do outro lado, indo. Sabia que não gostava de chatos. Durante um segundo pensei em abordá-lo, mas deixei o poeta em paz.” Mario Pirata também lembra de ter encontrado Quintana três vezes. “Mas nunca lhe dirigi a palavra: aos deuses não devemos importunar com nossas memoridades terrenas...” Outro que viu o poeta, mas teve vergonha sequer de pedir um autógrafa, foi Ronald Augusto. “Pedi à minha mãe, que me acompanhava, para pegar um autógrafa do Quintana. Menino, fiquei com vergonha”, lembra o integrante do grupo conhecido como PoETs.

Na nova geração – O desejo de todo poeta é permanecer, o que significa ser lido pelo grande público, sim, mas principalmente pelos seus pares, os únicos capazes de perpetuar os versos de um escritor, seja a partir de citações como pela imperceptível e inegável utilização de seus traços.

Perguntamos para alguns poetas contemporâneos se eles leram a obra de Mario Quintana, se sentiam a influência dele em sua própria obra e se conseguiam apontar esta influência em algum poeta de hoje. Os oito responderam que leram, sim, a obra de Quintana, e sete deles afirmaram reler esporadicamente seus poemas, mas quase todos têm dificuldade de encontrar essa influência em seu trabalho.

Ricardo Silvestrin afirma que

sua obra se construiu e se constrói também a partir de tudo o que lê, mas “não há um traço específico, e sim um diálogo criativo com a tradição literária”. José Eduardo Degrazia vê pouca influência direta de Quintana em sua obra. “Mas a maneira de ver o cotidiano por um lado meio fantástico, o domínio do soneto de forma mais moderna, tudo isso me interessou e me interessa muito.” Amir Feijó, que chegou a conviver pessoalmente com o poeta, também vê semelhança na forma de tratar o cotidiano, “as alegrias e dissabores dos momentos insossos da realidade”.

Respostas semelhantes dão Jaime Vaz Brasil, que se diz envaidecido por um crítico ter-lhe apontado “ecos de Quintana”, mas não reconhece tais traços, sem negar que possam existir; Sérgio Napp, se diz inicialmente influenciado por

“Não deixamos de ser um pouco da soma dos poetas que amamos”

Drummond, mas, relendo sua obra, descobre “traços do Mario”; e Mario Pirata, que lembra o poeta mesmo na forma de negar a semelhança: “o anjo do Mario tinha as asas na bunda e voava em círculos, o meu, bundão e bobalhão, voa em círculos ao redor de suas próprias asas”. Ronald Augusto é o único que nega qualquer traço, afirmando ter sido Manuel Bandeira quem o jogou para a poesia.

Paula Taitelbaum, em sua resposta dá uma pista do porquê dessa dificuldade dos contemporâneos em encontrar traços de Quintana em suas poesias. Ela lembra que “todos os verdadeiros poetas se parecem de algum modo, sempre buscando dizer muito através do pouco, sempre tentando criar uma imagem e uma fantasia, sempre tateando o mundo através das mãos da emoção”, e conclui que “não deixamos de ser um pouco da soma dos poetas que amamos, e eu realmente amo a voz de Quintana,

mas seria arrogante da minha parte dizer que minha obra tem algum traço dele. Se alguém tem que dizer isso, não sou eu”.

A situação de constrangimento e indecisão se acentua quando os poetas são convidados a apontar colegas seus que trouxessem mais marcada essa influência de Quintana. Amir Feijó lembra Armindo Trevisan, Waldir Ayala, com seus versos maravilhosos para crianças, Gláucia de Souza, Maria Dinorah, as ótimas poesias infantis de Carlos Urbim, Ferreira Gullar, Celso Gutfreind e Ana Maria Machado. Jaime Vaz Brasil, ainda dizendo que “vai demorar algumas gerações para surgir algum poeta com a obra e o carisma de Quintana”, aponta Luiz Coronel como seu herdeiro natural. Degrazia pensa em Paulo Hecker Filho, “mas ele era contemporâneo de Quintana” e arremata com uma frase que poderia ser pronunciada por todos os outros entrevistados: “No meu entender, ninguém tem a pretensão ou quer ter influência de Quintana porque ele era único, uma voz particular cantando o mundo à sua maneira”.

Na academia – Mario Quintana nunca esteve do lado de cá dos bancos escolares, mas há tempos que os acadêmicos se debruçam sobre sua obra. Na plataforma Lattes do CNPq, há 254 pesquisadores que de alguma forma estudaram o poeta, gente como a professora Tânia Carvalhal (UFRGS), Maria da Glória Bordini (PUCRS), Simone Pereira Schmidt (UFSC), Sérgio Alves Peixoto (UFMG), Helena Gomes Parente Cunha (UFRJ), o que ilustra a presença de Quintana como objeto de estudo brasileiro, não apenas gaúcho.

É natural, entretanto, que em Porto Alegre se atribua uma importância especial a Quintana. Luiza Vilma Pires Vale, professora da Faculdade Porto-alegrense (Fapa) e organizadora de um colóquio sobre o poeta, justifica a escolha como “uma coisa meio emocional, primeiro porque a gente reconhece que ele é um grande escritor, mas também por ele falar muito em Porto Alegre”.

Também por aqui se encontra

uma razoável quantidade de livros que abordam a obra e/ou a vida de Quintana, como *O humor cotidiano de Mario Quintana* (Artes e Ofícios, 1994), de Juarez Fonseca, *As faces do feiticeiro*, de Paulo Becker (Edufrgs-Edipucrs, 1996), entre tantos outros. E mais os que têm saído por ocasião do centenário, entre os quais o já citado *Mario Quintana: uma vida para a poesia* (WS Editor, 2006), escrito pelos irmãos Luís Augusto Fischer e Sérgio Luís Fischer é boa porta de entrada para interessados na biografia do poeta (além de base para a parte biográfica deste texto).

No centro de Porto Alegre – A Casa, a Casa de Mario Quintana, a Casa que o poeta jamais teve, ainda mais tão grande e tão bela, no centro da cidade que ele amou e sobre a qual versou, simboliza toda a vitalidade de Quintana no ano de seu centenário.

Adquirido em 1982 pelo Banrisul, o prédio do antigo Hotel Majestic, onde Quintana viveu de 1968 a 1980, foi no ano seguinte repassado para o Estado e arrolado como patrimônio histórico. No mesmo ano, recebeu a denominação de Mario Quintana. Já em 1983 foi aberta ao público, mas foi em 1990 que a chamada Casa de Cultura Mario Quintana ficou pronta como hoje a conhecemos.

Sérgio Napp, diretor da CCMQ por duas oportunidades, uma em 1987 – com o poeta ainda vivo e as obras em andamento – e outra nos últimos quatro anos, lembra: “Através de uma correspondência, que guardo comigo, ele confessava que o único presente que estimava era ver a Casa de Cultura pronta. E o desejo se fez realidade.”

Hoje, pelos corredores da Casa, circulam 47 mil pessoas por mês. Além de cinemas, teatros, bibliotecas, bares, exposições e atividades culturais, os visitantes podem conhecer o quarto em que o poeta viveu, ver as capas das primeiras edições de seus livros ou sentar no Quintana’s Bar, alusão a um poema-homenagem de Carlos Drummond a Mario Quintana.

*Jornalista, ex-aluno da Fabico



Destaque

Sala Redenção apresenta o cinema de Tarkovsky

Terceira parte da mostra de filmes russos traz a obra de ficção de um dos maiores cineastas soviéticos

De 21 a 25 de agosto, a Sala Redenção e o Departamento de Línguas Modernas do Instituto de Letras darão continuidade à *Mostra de filmes russos*, com uma seleção de cinco produções de Andrei Tarkovsky.

O diretor, que conquistou o Leão de Ouro no Festival de Veneza já em seu primeiro longa-metragem, *A infância de Ivan* (1962), impulsionou a *nouvelle vague* soviética nos anos 60. *Solaris*, produzido em 1972 e escolhido para abrir a mostra na UFRGS, consolidou sua reputação junto à crítica cinematográfica ao ganhar o Prêmio Especial do Júri no Festival de Cannes.

No início dos anos 80, pressionado pelas autoridades soviéticas, Tarkovsky exilou-se em Paris.

Nos nove filmes que realizou, as questões humanas aparecem sempre em primeiro plano, e, para muitos críticos, sua obra cinematográfica tem uma profundidade filosófica sem igual.

Maiores informações sobre o ciclo *Mostra de filmes russos* podem ser obtidas com a professora Tanira Castro pelo telefone 3316-7079.

SOLARIS

(URSS, 1972, 165 min)
Mistura de ficção científica com ensaio filosófico em que os cientistas de uma estação orbital veem surgir a materialização de seus fantasmas, angústias e recordações ao se aproximarem do planeta Solaris.
Data: 21 de agosto, segunda-feira
Local e horário: Sala Redenção, às 18h30min
Entrada franca



Tarkovsky (no alto, atrás da câmera) dirigiu nove filmes

LARS OLOF LÖTHWALL

STALKER

(URSS, 1979, 134 min)
Em uma região da Terra, atingida por um fenômeno cósmico, os visitantes têm seus desejos realizados. Um escritor, um cientista e um perseverante guia, o "rastreador" (stalker), viajam ao local clandestinamente.
Data: 22 de agosto, terça-feira
Local e horário: Sala Redenção, às 18h30min
Entrada franca

O SACRIFÍCIO

(Suécia/França/Inglaterra, 1986, 142 min)
Numa casa de campo, a festa de aniversário de Alexander é interrompida pelo anúncio de uma guerra nuclear. O menino passa, então, a buscar uma forma de salvar sua família. Vencedor do Grande Prêmio do Júri no Festival de Cannes de 1986.
Data: 23 de agosto, quarta-feira
Local e horário: Sala Redenção, às 18h30min
Entrada franca

A INFÂNCIA DE IVAN

(URSS, 1962, 95 min),
Depois que sua mãe é fuzilada pelos nazistas, Ivan, de 12 anos, engaja-se na guerra contra os alemães. Os soldados russos querem afastá-lo para a retaguarda, mas ele insiste em assumir missões suicidas.
Data: 24 de agosto, quinta-feira
Local e horário: Sala Redenção, às 18h30min
Entrada franca

O ROLO COMPRESSOR E O VIOLINISTA

(URSS, 1959, 44 min)
Primeiro filme do cineasta, realizado como trabalho de conclusão do seu curso de cinema. A história mostra a amizade entre um garoto pobre, apaixonado por violino, e o motorista de um rolo compressor.
Data: 25 de agosto, sexta-feira
Local e horário: Sala Redenção, às 18h30min
Entrada franca

EXPOSIÇÃO

Homem-Natureza: cultura, biodiversidade e sustentabilidade

Mostra realizada a partir de parceria entre o Museu da UFRGS e a Copesul, que propõe a descoberta do ambiente, através da arte e da ciência. Visitação: até dezembro, de segunda a sexta-feira
Local e horário: Museu da UFRGS, das 9h às 18h
Entrada franca



Artes visuais no IA

Coletiva dos formandos do Departamento de Artes Visuais, que reúne desenhos, pinturas, fotografias, esculturas e gravuras.
Visitação: 10 de agosto a 6 de setembro
Local e horário: Pinacoteca Barão de Santo Ângelo, das 10h às 18h
Entrada franca

MÚSICA

Recitais

DAVID WITTEN
Apresentação do pianista norte-americano pela série de artistas visitantes do Departamento de Música do IA/UFRGS.
Data: 11 de agosto, sexta-feira
Local e horário: Auditorium Tasso Corrêa, às 20h
Entrada franca

CHRISTINE BELLAMY E CRISTINA GERLING
Recital de clarineta e piano pela série de artistas visitantes do Departamento de Música do IA/UFRGS.
Data: 18 de agosto, sexta-feira
Local e horário: Auditorium Tasso Corrêa, às 20h
Entrada franca



DIVULGAÇÃO IA

TEATRO

Possibilidade afago

Uma personagem angustiada e carente, tomada pelo desejo. Elenco: Mariana Mantovani e Ursula Collischonn.
Dias: 11, 14, 15, 16, 17 e 18 de agosto
Local e horário: Casa Godoy, às 15h
Entrada franca com retirada de senhas

Maiêutica

Um estudo das relações humanas através da relação mãe e filha. Elenco: Guadalupe Casal e Maira Prates.
Dias: 15, 16 e 17 de agosto
Local e horários: Sala Alziro Azevedo, às 14h30min e 19h30min
Entrada franca com retirada de senhas

Mulheres sem estrela

O frágil mundo das personagens femininas de Nelson Rodrigues, que fogem desesperadamente da solidão. Elenco: Geraldine de la Mata, Luciana de Jesus, Márcia Donadel e Rafaela Cassol.
Dias: 15, 16, 17 e 18 de agosto
Local e horários: Sala Qorpo Santo, às 19h30min (dias 15 e 17) e 12h30min e 19h30min (dias 16 e 18)
Entrada franca com retirada de senhas

CINEMA/DVD/VÍDEO

História no cinema para vestibulandos

Parceria entre a Sala Redenção e o Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, exibindo filmes referentes a importantes fatos históricos seguidos de debates com professores, graduandos e pós-graduandos de História. O projeto tem o objetivo de preparar para o vestibular da UFRGS, mas é aberto à comunidade em geral.



DER HOFSTAAD

VATEL

(França/Reino Unido, 2000, 103 min), de Roland Joffé.
No século 17, na França, vaidoso e arruinado príncipe (Julian Glover) pede a seu devotado intendente Vatel (Gérard Depardieu) que organize três dias e três noites de celebração para Luís XIV, na esperança de que o rei lhe conceda o comando de uma operação militar.
Palestrante: Salah H. Khaled Jr.
Data: 12 de agosto, sábado
Local e horários: Sala Redenção, às 13h30min e 17h
Ingresso: R\$ 4

DANTON

(França/Polônia, 1982, 136 min), de Jean-Claude Carrière.
Durante a Revolução Francesa instala-se o período do "terror", em que a radicalização do processo político leva a expurgos, manipulação de julgamentos e a uma rotina de execuções pela guilhotina. Danton (Gérard Depardieu), líder revolucionário, torna-se vítima do terror.
Palestrante: Vanessa Silva.
Data: 19 de agosto, sábado
Local e horários: Sala Redenção, às 13h30min e 17h
Ingresso: R\$ 4

INDEPENDÊNCIA OU MORTE

(Brasil, 1972, 108 min), de Carlos Coimbra.
Tendo como ponto de partida o dia da abdicação de D. Pedro I (Tarcísio Meira), o filme traça um perfil do monarca, desde a vinda para o Brasil com a família real portuguesa, passando por seu envolvimento extraconjugal com a marquesa de Santos (Glória Menezes), até o retorno de D. João VI para Portugal.
Palestrante: Renata Dal Sasso.
Data: 26 de agosto, sábado
Local e horários: Sala Redenção, às 13h30min e 17h
Ingresso: R\$ 4

Em algum lugar do passado

(EUA, 1980, 103 min), de Jeannot Szwarc.
Richard Collier (Christopher Reeve) é um jovem dramaturgo que se depara em um luxuoso hotel com um retrato de Elise McKenna (Jane Seymour), belíssima atriz, que ali se hospedara há muitos anos. A obsessão é tanta que ele faz uso da hipnose para voltar ao passado. Exibição promovida pelo projeto Niete/Cinema e Sala Redenção.
Data: 14 de agosto, segunda-feira
Local e horário: Sala Redenção, 18h30min
Ingresso: R\$ 5 (ou, para estudantes da UFRGS, um quilo de alimento não-perecível).



O segredo de Brokeback Mountain

(EUA, 2005, 134 min), de Ang Lee.
Os jovens Jack Twist (Jake Gyllenhaal) e Ennie Del Mar (Heath Ledger) se conhecem no verão de 1963, após serem contratados para cuidar de um rebanho de ovelhas em Brokeback Mountain. Isolados por semanas, eles se tornam íntimos e iniciam um relacionamento amoroso. Exibido através de parceria entre a Sala Redenção, o Grupo de Estudos de Educação e Relações de Gênero e o Programa de Pós-graduação em Educação da UFRGS. Após a sessão, haverá debate.
Data: 31 de agosto, quinta-feira
Local e horário: Sala Redenção, às 18h30min
Entrada franca

A História vai ao cinema com Aplicação

Projeto do Colégio de Aplicação da UFRGS, realizado em parceria com a Sala Redenção. As sessões serão seguidas por debates com convidados e abertas ao público em geral. Mais informações com o professor Nilo de Castro pelo telefone 3316-6984.

AS MONTANHAS DA LUA

(EUA, 1990, 122 min), de Bob Rafelson.
Em meados do século XIX, os exploradores britânicos Richard Francis Burton (Patrick Bergen) e John Hanning Speke (Iain Glen) são enviados para descobrir e mapear a região da nascente do Rio Nilo, conhecida entre os nativos pelo nome mítico que dá título ao longa-metragem. Palestrantes: Cláudia Russo e Maira Rossato.
Data: 9 de agosto, quarta-feira
Local e horário: Sala Redenção, às 19h
Ingresso: R\$ 1,50



REPRODUÇÃO

SEM NOVIDADES NO FRONT

(EUA, 1930, 130 min), de Lewis Milestone.
Incentivados por seus professores, o jovem Paul Baumer (Lew Ayres) e seus colegas se alistam e partem para o front durante a Primeira Guerra Mundial. A realidade dos campos de batalha, porém, irá destruir os sonhos de glória de cada um deles. Vencedor do Oscar de melhor filme e de melhor direção em 1931.
Data: 16 de agosto, quarta-feira
Local e horário: Sala Redenção, às 19h
Ingresso: R\$ 1,50

OFICINAS E PALESTRAS

Uso insustentável da Mata Atlântica

A oficina abordará questões relativas ao manejo sustentável da Mata Atlântica, tendo como ponto de partida a exibição de vídeos. Ministrada pelas professoras da UFRGS Gabriela Coelho de Souza e Rumi Kubo.
Data: 22 de agosto, terça-feira
Local e horário: mezanino do Museu da UFRGS, das 14h às 16h
Entrada franca

Trançagem com palha de bananeira

O desenvolvimento das técnicas de preparo e trançagem da fibra da bananeira. Oficina ministrada por Romarise Klein e Simone Marques, artesãs do Projeto Samambaia-preta Artesanato de Maquiné, RS.
Data: 24 de agosto, quinta-feira
Local e horário: mezanino do Museu da UFRGS, das 14h às 16h
Entrada franca

Olhares cruzados

Palestra com o professor Volnei Alves Correa, mestre em administração pela Universidade de Syracuse (NY, EUA), intitulada "O homem, em sua dimensão mental, e sua relação com a natureza".
Data: 24 de agosto, quinta-feira
Local e horário: mezanino do Museu da UFRGS, às 19h
Entrada franca

Onde?

- Museu da UFRGS
Av. Oswaldo Aranha, 277
- Salão de Atos
Av. Paulo Gama, 110
- Instituto de Artes da UFRGS
Rua Senhor dos Passos, 248
- Sala Alziro Azevedo
Av. Salgado Filho, 340
- Sala Redenção
Av. Paulo Gama, s/n.º.
- Sala Qorpo Santo
Av. Paulo Gama, s/n.º.
- Casa Godoy
Av. Independência, 456

Kathrin Rosenfield

e seu processo de adaptação ao Brasil

Cultura Professora dos PPGs em Filosofia e Letras analisa a questão cultural brasileira

Ademar Vargas de Freitas

Por ser extrovertida, engraçada, leve e versátil, Kathrin tem uma trajetória marcada por transições muito rápidas. Poderia ter sido arquiteta, *socialite*, atriz, *marchand*. E, por seu preparo e inteligência, estava destinada a fazer uma carreira brilhante, em sua terra natal, a Áustria, ou em qualquer outro país. Mas optou pelo Brasil e, por dedicar-se à cultura, arranhou encrenca para o resto da vida.

Em duas décadas, Kathrin aprendeu muito sobre o país, e cita Oliveira Vianna para justificar sua surpresa e indignação: “A única instituição que a cultura brasileira realmente produziu foi o clã, o clã parental e de vizinhança, que se transformou no clã político. Acho que essa é uma das raízes históricas do Brasil”.

Sua análise chega à índole do povo. “Constantemente se fala em reformas, mas só reformam as leis, os costumes ficam iguais. Chocame o provérbio que diz ‘para os amigos tudo, para os inimigos a lei’, porque essa é a realidade brasileira, as leis são usadas para prejudicar o comum dos mortais.”

Kathrin lamenta as inversões que tem visto. “Por exemplo, uma pessoa educada, que conheça muitas coisas, em geral, passa por chata. No fundo, a cultura até contribui para um certo isolamento.”

Ela se pergunta como é que pessoas de diferentes níveis sociais podem se reconhecer mutuamente se não há reconhecimento de valores e do mérito? “A única saída é ter dinheiro. Mas, para ganhar dinheiro num país como o Brasil há vias mais rápidas do que cultura, educação e aprendizado. Isso vem sendo analisado há mais de cem anos. Euclides da Cunha, Gilberto Freire e Sérgio Buarque de Hollanda já falaram sobre o assunto.”

Kathrin, que chegou ao Brasil em 1984, em pleno movimento pelas “Diretas já”, fica chocada ao ver que, hoje, ninguém mais vai à rua para reivindicar. “Não ocorre a ninguém exigir que todo político abra seu sigilo bancário e telefônico. Mesmo não aprovando, a sociedade aceita a instituição do clã político, o voto de cabresto.”



“Coisas importantes não precisam ser chatas. Cultura e lazer podem caminhar juntos”

FLAVIO DUINA

Aprendendo a se virar sozinha

Em Salzburgo – onde Kathrin Holzermayr nasceu, a 27 de abril de 1958 – o pai produzia doces e confeitados com açúcar importado do Brasil, que ele via como o país do futuro, como anunciava o escritor Stephan Zweig. Mas, para ela e os irmãos, interessante mesmo era a Inglaterra dos Beatles. Ela não pensava no Brasil nem mesmo quando escutava sua música favorita: a versão americana de “Garota de Ipanema”, com Stan Getz e Astrud Gilberto.

Michael, Suse, Kathrin e Konstante foram criados dentro de regras bem definidas. No verão, passavam um mês fora da Áustria, para aprenderem línguas; os outros dois meses eram vividos numa an-

tiga casa de mineiros, num vale entre altas montanhas.

Nem na cidade, a mãe admitia televisão. Aos 12 anos, Kathrin lia em inglês até autores da literatura de língua alemã, como Bertolt Brecht. Aos 15, falava fluentemente o francês e, mais tarde, o italiano e o espanhol. Mas se retraiu quando insinuavam que devia crescer. Queria ser arquiteta: transformava todos os espaços. Aos 17 anos, foi estudar em Viena, onde cursou a famosa academia de teatro Max Reinert e atuou nos palcos mais tradicionais da cidade.

Mas queria fazer outro tipo de teatro. À procura de caminho, abriu, junto com um amigo, a galeria Ulysses, que oferecia arte mo-

derna na contra-corrente dos costumes vienenses. Também trabalhou como secretária-executiva numa empresa multinacional, antes de voltar a estudar literatura.

Em 1977, foi completar os estudos em Paris, aproveitando para assistir aos seminários de Michel Serres, Lyotard e outras figuras importantes da cultura européia. Depois da mudança, isso se tornou um hábito. “Circulava-se muito, aproveitando os contatos com filósofos e antropólogos: Lévi-Strauss, Georges Devereux, Duby, Foucault, Lacan.”

Por causa disso, Kathrin passou a estudar história e literatura com Jacques Le Goff, na École des Hautes Études. Paralelamente, co-

meçou sua formação em psicologia clínica e psicanálise, e fez doutorado, unindo antropologia histórica e literatura.

A Biblioteca Nacional passou a ser seu lugar de trabalho. Foi lá que ela conheceu Denis Rosenfield, um gaúcho que também estava fazendo pós-doutorado. Casaram em maio de 1984, em Salzburgo, e chegaram a Porto Alegre em julho. O currículo dela já estava na UFRGS e, embora ainda não falasse muito bem o português, começou a lecionar no pós-graduação de Letras. No mesmo ano, seu livro, “A história e o conceito na literatura medieval”, foi publicado em Munique, na Alemanha, e no ano seguinte no Brasil.

O choque cultural num país abstrato

Aprender o português foi fácil para Kathrin. Difícil foi convencer as pessoas a falarem português com ela: muitas preferiam exercitar os próprios conhecimentos de outras línguas. Ela sofreu também com a insistência dos gaúchos em mostrar Gramado para quem já conhece lugares semelhantes, e até mais atraentes, em outros países. E entendeu-se com a exibição progra-

mada das “atrações turísticas” de São Paulo, Rio e Minas Gerais. Além do choque cultural, Kathrin teve um choque profissional, pois precisou reorientar sua carreira: não fazia sentido trabalhar com a Idade Média dentro de uma orientação que só dá certo na Europa, onde estão as bibliotecas com os manuscritos. Então, começou a direcionar-se para a filosofia. Por essa época, ela e

Denis passaram a produzir muito e a participar de eventos. Nesse período produziu: um livro sobre a Idade Média; um ensaio sobre Guimarães Rosa, dois livros sobre esse autor; um livro sobre poesia e uma pesquisa sobre Antígona e os gregos, que resultou em mais quatro livros. Recentemente, ela publicou mais um livro sobre Guimarães Rosa, e em 2003 teve um volume sobre

Antígona publicado na França. Atualmente, Kathrin está separada de Denis e vive com os dois filhos: Milena, 21 anos, está fazendo Biologia na UCS; e Luiz, 16 anos, vai fazer vestibular para Direito. Para animar a vida, Kathrin reúne amigos para desfrutar a arte e a cultura nas conversas. “Lemos textos e depois conversamos sobre o que foi lido.”

QUERIA SER UM GATO

“Na infância, me relacionava mais intensamente com os animais do que com as amigas. Queria ser um cavalo: quando tinha que me apressar, me sentia como se estivesse galopando. Também queria ser um gato: tinha grande pesar por não ter aquele corpo, aquele rabo, aqueles olhos, poder me espichar e saltar para cima de uma árvore.”

BRASIL NA CARA

“Guimarães Rosa foi um dos apoios na minha aculturação no

Brasil, um antídoto contra o constante condicionamento que eu recebia. Meus colegas da universidade sempre me diziam: ‘Ah, coitada, está vindo para este lugar pobre...’ Mas eu pensei: se este país tem uma obra como a do Guimarães Rosa, então, não é pobre. Durante muito tempo, vivi um pouco idealizando o Brasil e não querendo ver aquele lado que agora a gente recebe na cara.”

REPÚBLICA DE BANANAS

“O Denis dizia que o Brasil não podia ser comparado com uma república

de bananas. Ficava furioso quando um europeu fazia comparações desse tipo. O que me apavora é que isso pode vir a acontecer, pelo fato dos brasileiros não reagirem, por não tomarem uma atitude.”

DA BOCA PRA FORA

“Tem uma coisa no Brasil que nunca gostei: as pessoas dizem que a educação é importante, mas é só da boca pra fora. No fundo, o que acham importante é o dinheiro, o status social, os cargos. É preciso redescobrir a cultura entre as pessoas que sabem fazer. O que não

é legal é que são ilhotas perdidas nas quais a sociedade não investe.”

CULTURA NO BRASIL

“No Brasil, cultura é assunto de especialistas. Os jornais trazem notícias, mas não comentários e análises, é raro encontrar uma crítica fundamentada. E, nas salas das residências nunca há livros, só televisão. Aqui, socialmente, só se fala de coisas afetivas: para onde se viajou, quem veio, quem fez tal festa, o que se viu no shopping. De vez em quando, se ouve menção a um concerto, a um filme.”

ENSINO E SOCIEDADE

“Uma coisa gratificante é que ainda existe na universidade uma consciência muito grande da importância de fazer coisas. Claro que os problemas burocráticos atrapalham, mas o sistema de auxílio à pesquisa e a eventos é uma coisa fantástica, tanto por parte da universidade quanto das instituições de fomento, como Capes, CNPq e Fapergs. Isso é extremamente importante porque cria um vínculo entre as atividades de ensino e a sociedade.”



BAHIA, 1966

“Se uno toma las cosas que ve en un sentido cotidiano, resultan surrealistas”
Manuel Álvarez Bravo



RIO DE JANEIRO
 BOTAFOGO, 1952

Imagens que FLÁVIO DAMM **falam**

Flávio Dutra

A foto-reportagem é um dos mais contundentes usos da fotografia como informação. Publicada em veículos de comunicação impressa desde o final do século XIX, a imagem fotográfica se impôs, em meados do século XX, através de autores que se tornaram mestres e referência: Lewis Hine, André Kerstész, Henri Cartier-Bresson, Robert Capa e tantos outros.

No Brasil, a modernidade fotográfica da foto-reportagem, nos moldes do que aconteceu na Europa e nos Estados Unidos a partir dos anos 30, tem como referência a revista *O Cruzeiro*, um dos pilares dos Diários Associados de Assis Chateaubriand. Entre os fotojornalistas históricos deste período está Flávio Damm, autor das imagens desta página.

Gaúcho, Damm começou sua carreira como auxiliar de laboratório e depois fotógrafo na *Revista do Globo*, de Porto Alegre. Nesta época, foi o responsável pelas primeiras imagens de Getúlio Vargas, feitas após este deixar o poder com o fim do Estado Novo. As fotos, feitas em 1947, na Fazenda de Itu, em São Borja, mostraram um Vargas disposto e solitário, e serviram para deflagrar sua campanha de retorno ao poder, em 1950. Em *O Cruzeiro*, Flávio Damm foi correspondente nos Estados Unidos, cobriu a coroação da Rainha Elizabeth, em 1957, na Inglaterra, documentou a construção de Brasília e participou de diversas reportagens. Entre estas, fotografou Portinari em seus dois últimos anos de vida, material que resultou em um documentário fotográfico sobre o pintor. Nos anos 60, fundou a *Imagem*, primeira agência de fotografias brasileira. Desde então, se dedica à produção de reportagens e livros – já publicou treze – sempre utilizando a linguagem da fotografia em preto e branco, documentando as situações de acordo com a maneira com que elas se apresentam, sem montagem ou produção.

Flávio Damm mostrará seu trabalho em uma atividade chamada *Fotografia Falada*, no Santander Cultural, dia 23 deste mês, às 18h30min, com entrada gratuita. O tema será *Fotojornalismo, memória e atualidade*.



ÍNDIO XAVANTE, 1951



BAHIA, 1954



RIO DE JANEIRO
 CARNAVAL, 2001